

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO III

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1916

Nº 32

Grupo mantenedor: Brazilio Taborda, Maciel da Costa, Parga Rodrigues, (redactores); B. Klinger, Lima e Silva, Pompeu Cavalcanti, Leitão de Carvalho, Souza Reis, Paula Cidade, Euclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Luiz Lobo, Freire Jucá, Mario Travassos, Amaro Villa Nova.



SUMMARIO

EDITORIAL

Prophylaxia necessaria

PARTE JORNALISTICA

| | |
|---|------------------------------|
| Desprezada Provincia..... | 1º Tte B. Klinger |
| Allemanha Militar..... | 2º Tte M. Alexandrino da Luz |
| Organisação dos arsenaes e fabrícias militares..... | 1º Tte F. de Vasconcellos |
| Hindenburgo..... | Traduçâo |
| Para quem appellar?..... | Capitão Parga Rodrigues |
| Reuniões no Club Militar | Redacçâo |
| Observações pequenas..... | 1º Tte João Marcellino |
| Praxes a eliminar..... | 1º Tte Brazilio Taborda |
| Subsidio para o anno de instruçâo | 2º Tte Mario Travassos |
| Arma de engenharia | 2º Tte Arthur J. Pamphiro |
| Questões á margem..... | 1º Tte B. Klinger |
| Avaliação de distancias | 1º Tte Barbosa Monteiro |
| Fuzil Mauser M. 1908..... | Cap. L. M. P. de Andrade |
| O cavallo de guerra | Traduçâo |

NOTICIARIO

Destruíções a explosivo — Expediente

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BRAZILIO TABORDA, MACIEL DA COSTA e PARCA RODRIGUES

N.º 32

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1916

Anno III

EDITORIAL

Prophylaxia necessaria
"Minha Terra e Minha Gente"
— Afranio Peixoto.

SE civismo é patriotismo, é dedicação, devoção á causa publica, nenhuma outra manifestação desse altruistico sentimento se iguala, ou sequer se approxima, do sacrificio voluntario da propria vida, entregue numa trincheira em holocausto aos interesses moraes ou materiaes da collectividade.

Manifeste-se, embora, no correr da existencia nacional, por todas as formas que possam promover a grandeza da patria em seus multiplos aspectos: sejam as victorias diplomaticas, que enchem o orgulho todos os corações, a actividade agricola, que enriquece a nação e radica o homem ao solo, a actividade industrial, que elabora a materia prima e supre o consumo; seja a justiça, que regula as relações entre os homens, o funcionalismo, que permite o exercicio da administração publica e põe em contacto o governo com a nação, ou a cultura litteraria e scientifica, que dignifica e eleva a vida humana, — a sua demonstração suprema, sublimada pelo sacrificio, está no heroismo com que todos os cidadãos, solitarios, correm á defeza dos bens communs.

Entre o genio artistico que canta num bema as glorias do passado e estimula o amor da Patria com o seu clarão de gran-

dezas, e a obscura massa dos humildes que nas batalhas protegem com seus peitos a liberdade e a riqueza das futuras gerações — a forma heroica, a mais sublime do civismo está, por certo, com os que morrem anonymous pela causa publica.

E', pois, sob a farda que o cidadão exercita a mais intensa forma do civismo e, por isso, as classes armadas têm que ser a sevéra escola onde aquelle se educa para o supremo sacrificio.

Não pôde, todavia, ser sómente a fileira a escola de civismo de um povo, porque as exigencias e durezas do manejo das armas pedem corpos robustos e fortes, que só a mocidade fornece, e já nessa idade o espirito se formou no contacto com o mundo, conservando os reflexos do meio ambiente em que, desde a infancia, se vão definindo as individualidades. Na caserna se dará efficiencia para a lucta, tornando, ao mesmo tempo, o homem solidario com a sorte da bandeira; mas os musculos chegam a ella já robustecidos pelos exercicios da infancia, e o moral trabalhado pelos ensinos da escola, pelos exemplos do lar e da sociedade.

E', pois, na infancia que se despertam esses sentimentos de solidariedade e de amor á causa publica, ensinando aquelles feitos que possam estimular o orgulho da nacionalidade e provocar aquelle sadio e confiante optimismo que se traduz, nas almas das crianças, numa illimitada admiração pelos homens e coisas de seu paiz, e que conduz ao entusiasmo e ao patriotismo.

Moldar os sentimentos nascentes das crianças no amor das coisas patrias e na abnegação e sacrificio aos interesses communs, eis a missão de quem se propõe a promover a educação cívica de um povo.

E' preciso que a infancia admire e preze os feitos do passado, se orgulhe do presente e confie no futuro; que se sinta feliz de sua Patria e julgue um dever morrer por ella, e impaciente espere a mocidade para se habilitar a defendel-a: que ame o exercito e a marinha.

Que importa mareiem a historia patria, aqui ou ali, erros e injustiças, e as manchas cicatrizadas de antigas humilhações nos lembrem horas tristes para o brio nacional? Nós temos outras paginas glorio-sas com que os nossos antepassados resgataram essas maculas, e que nos despertam admiração e reconhecimento. Ministrá-las, entremeadas, ás intelligencias ainda tenras das crianças, onde facilmente se moldam todas as impressões, é lançar na mesma leira a semente boa e a má; é no mesmo campo cultivar o trigo e o joio.

Eduquem-se as intelligencias maduras dos adultos na especulação critica da historia e ensinem-se-lhes os erros das extintas e presentes gerações; e pela acção politica ou administrativa, pelo exemplo de virtudes cívicas, no jornalismo ou na tribuna, na cathedra ou no pulpito, estigmatise-se o que os homens fizeram ou fazem contra a Patria; mas não se vão entregar aos vacillantes raciocinios das crianças as objurgatorias e recriminações do pessimismo, nem se lhes sobresalte a mente com as duvidas que nos roubam a confiança na nossa propria acção.

Dotemos os corações juvenis das gerações que surgem com as virtudes — que as temos — dos nossos maiores, e deixemos que seus erros lhes preoccupem o espirito quando o moral já tenha crystalizado na forma cívica do optimismo constructor: não se buscam, na infancia, razões de patriotismo, como aos filhos o amor dos paes não surge da analyse de seus meritos,

senão dessa gratidão inconsciente que suas raizes nos mysterios da criação.

Não se comprehende, por isso, que se dotem as escolas primarias, como aca-de-fazer a Prefeitura do Districto Federal com uma nova cartilha de *educação cívica*, em que, sob pretexto de suscitar "problemas essenciaes da nossa nacionalidade", dizer ás crianças "verdades necessaria-se forneça de roldão aos nossos filhos que temos de nobre e digno de adoração na historia patria, e o que nel porventura, nos lembre dias de amargura e humilhação.

"A educação cívica, diz a cartilha, de ser feita com o conhecimento da causa das razões do patriotismo" e, para atingir o seu escopo, ministra ás crianças, com glórias lusitanas dos descobridores, de que faz se ufanarem os brasileiros — "como se herdeiros e filhos legítimos" — a cobiça avulteira dos arrojados exploradores que vendaram o nosso *Hinterland*, esquecendo de que, se é verdade que os "escravos indios enganados" "eram obrigados a trabalhos duros e castigos rigorosos" conhecido "toda a maldade dos civilisadores" esforço herculeo desses *mamelucos*, no rojo de suas *bandeiras*, foi realmente que creou o Brasil.

Fosse embora só "a cobiça das minas que descobrisse e se apossasse do senhor brasileiro", o heroísmo dos bandeirantes nas suas investidas contra a floresta intrincável e contra o animo guerreiro selvagens, fornece-nos o exemplo de temeridade, de sacrificio, de emprehendimento e de confiança nos proprios esforços, que devemos moldar o carácter brasileiro. Os fructos dessas conquistas, que enche de orgulho aos adultos, ás crianças devem estimular a emprezas arrojadas, de tanto carece hoje o Brasil.

Porque, pois, denegrir essa época esvurmando origens impuras, que vão a gar nos espiritos infantis, numa comparação difícil e perigosa, o esplendor edutivo do passado? Foi tambem buscando

ouro que os alchimistas fundaram a chimaica, cujos beneficios á humanidade já se não podem medir.

Porque expor á candura das crianças a supposta bastardia das origens brazileiras, gerada desses "costumes immoraes e pecaminosos dos colonos entre si" contra os quaes "o elemento moral da colonia, (os jesuitas) da tribuna sagrada ou nas queixas e reclamações constantes ao governo, não cessava de protestar?" O que de educativo ha nisso para a infancia?

Mas, nem só essas e numerosas outras impropriedades contém o novo livro de educação civica, senão os germens perigosos da indisciplina social e do odio de classes. Enaltece ás crianças os predicatoros do hellenismo, que presidia a uma sociedade "sem senhor nem mandões" e lhes ensina que o socialismo "talvez amanhã domine a sociedade contemporanea."

E para avigorar esse espirito de indisciplina e de oposição que nos torna uns rebellados contra a autoridade, a cartilha, lamentando que o Brazil não siga os passos dos Estados Unidos e da Argentina, que "fundem no cadiño das escolas, numa liga homogenea, a nacionalidade em formação", e não se premuna "com esses cuidados preliminares, sem os quaes *uma nação é suicida*", conclue que: "E' doloroso reconhecer que os governos brazileiros não escapam, ainda agora, a esta accusaçao tremenda, de imprevidencia e leso-patriotismo."

De forma que se pretende dar patriotismo aos filhos, apontando-lhes os paes como não o tendo... Do que se orgulharão os filhos?

Mas é sobretudo no balanço do periodo republicano "de que muitas deceções se não tornam á Monarchia é porque não acreditando que as formas de governo mudam pouco, quando os homens continuam os mesmos," que a nova cartilha exhibe sua cabal impropriedade para o fim a que se destina.

Numa fórmula de commiseração, ella diz: "Pode-se entretanto accusar alguns beneficios, pelos quaes a Republica não é inteiramente responsavel, mas que se realisaram na vigencia della." E são: *a liberdade de culto, a delimitação de nossas fronteiras, o progresso material e o saneamento das cidades.*

"A Republica devem-se entretanto males, que não convém esquecer, se não do regimen, ao menos culpa de homens pouco capazes que a teem servido:

"As classes parazitarias voracissimas — funcionalismo e classes armadas — oneram dia a dia os orçamentos e nos arrastam á ruina.

"A justiça, menos escrupulosamente escolhida, decahio muito da antiga fama, é cara, demorada, e não inspira confiança.

"A instrucção publica, constante e maior cuidado do Imperio, minguou e degenerou de modo surprehendente..."

E a corrupção eleitoral, uma descabida protecção a certas industrias, a nenhuma organisação do trabalho, eis o acervo de glorias com que se pretende despertar o patriotismo, exaltar as virtudes dos antepassados e tornar os nossos filhos aptos para assegurarem a existencia e o desenvolvimento da nacionalidade!

E nós militares, nós que nos vemos citados nas paginas do novo *Koran* do civismo carioca como uma classe de parásitas vorazes, que oneram dia a dia os orçamentos, arrastando o paiz á ruina, que havemos de responder aos nossos filhos, quando, de volta da escola, os peitos infantis inflamados de orgulho pelas conquistas das quinas lusitanas, quizerem saber que profissão é essa em que empregamos a nossa actividade?

Não lhes poderemos mostrar a grandeza civica dos que se consagram a preparar as gerações para a defeza da Patria, e que se votam a morrer por ella, sem emprehender em torno desse livro uma **prophylaxia necessaria**.

Desprezada Província

Subentendido que se trata da província militar federal, de um modo geral. No Rio Grande do Sul agrava-se a culposa incuria de que é vítima a tropa federal, pelo evidente contraste da bem cuidada força pública estadoal. E esta guarnição federal devêra ser archi-prompta, como guarda avançada que é.

Convenhamos primeiramente que para saber da mendicidade militar em que jaz a província não é necessário sahir do Rio de Janeiro.

Lá se sabe de sobra que o exercito federal cifra-se, por assim dizer, á guarnição local; sabe-se tambem quanto esta mesma se resente da falta de recursos essenciaes á sua efficiencia; facilimo, portanto, concluir o que possa ser a situação militar federal da província.

Nem esse facil raciocinio, nem as informações directas, positivas, que por vezes ahi chegam até pelos canaes ou tramites officiaes, ainda não moveram ninguem a cuidar pelo menos de uma razoavel equiparação da província.

Sabe-se, por exemplo, que em Itaquy por falta de um parque puzeram-se por fim, para evitar mal maior, os canhões em argola e os cavallos ao tempo. Sabe-se que em S. Gabriel reina a promiscuidade do material das seis baterias, em um parque unico. Sabe-se que ha regimentos de cavallaria, sem cavallos. Sabe-se que na província os cavallos morrem no inverno, de fome e frio. Talvez não se saiba que na província ha corpos que têm os soldados relativamente nus — ha mais de um anno sem receber uniforme de brim e ex-gottados o de flanella, os ponches ou capotes e os cobertores; e, ainda, que em grande parte o pessoal tem que pernoitar fóra da caserna, á gandaia, porque não ha— pelo menos ainda não houve — nada que faça os officiaes virem para seus corpos, embora muitos não tenham sido contemplados com effectivo.

Sabe-se... sabe-se...

Mas... no Rio de Janeiro cada bateria tem seu parque. No Rio de Janeiro os regimentos têm seus cavallos em argola (embora, ás vezes, metade, como os canhões de Itaquy... sem forragem); demais, *quand même*, elles não morrem á fome como seus irmãos provincianos. Quando succede a algum, como ao burro do inglez —

morrer justamente quando se está acclimatando á brisa — não lhe falta um *conveniente attestado* de obito.

No Rio de Janeiro não ha inverno rigoroso e mesmo quando se glosa — synonymia official de "sonegar deliberadamente o devido" — todo um quaterno de fardamento, ainda ha o que vestir. E depois lá vem um dia um funeral pomposo, uma guarda de honra, uma parada, e não se ha de levar ao asfalto a soldadesca rotunda ou polychroma. Por aqui não ha d'isso, não fosse o gosto pela vida, quatro de meus dez recrutas ainda andariam de chapéo, pois não ha gorros na arrecadação do regimento; os mais felizes receberam um par de botinas — já devia estar pago o novo trimestre de calçado (e não ha *cum quibus* e um uniforme mescla).

Quanto a officiaes, no Rio de Janeiro os ha tantos que naturalmente se pensa que a remodelação assim os multiplicou por toda a parte. Penso, porém, que se erra menos em pensar que o que se multiplicou foi a força centripeta do Rio de Janeiro. E isso apezar das providencias ordenadas e apezar da chamada lei das sargentearia.

* *

A tal estado chegou a desprezada província pela falta de unidade de orientação no Exercito e pela instabilidade dos commandos, a partir dos de esquadrão, companhia e bateria.

Um dos efeitos destas duas causas e que apparentemente é a propria causa directa de todo o mal, encontra-se na quasi homogenea desorientação geral, fazendo que, na província como no Rio, se preocupe com o Exercito quem menos quer; fazendo que não haja activo *amor ao Exercito, honestidade activa para com a Nação*. E' a homogeneidade do sentir dos descrentes, desanimados, cançados, indiferentes, que do serviço militar só querem saber o minimo possível; fóra da repartição ou do corpo, findo o acto de presençia não querem nem pensar *naquillo*. São ainda a grande maioria. As deficiencias grandes e pequenas que explicariam honestamente a actividade militar imperfeita, incompleta, são por elles arvoradas em optimas justificativas para a completa inactividade. Aí embarca então o cortejo algebrico das actividades privadas: ou sejam as rendos das profissões collateraes (inclusive criar galinhas), ou seja apenas o placido culto

chinella e do pyjama, e tantos outros modos de encher as largas horas de lazer, segundo a equação individual.

**

Voltemos aos detalhes. A falta de officiaes nos corpos traz, por exemplo, as mais nocivas consequencias. Com efecto, se a organisação prevê e são necessarios um commandante e tres subalternos para uma bateria, como é que um só official, capitão ou tenente, ha de desdobrar-se para vencer o trabalho de quatro? E isso enquanto os outros tres desfructam melhor vida. Sim, porque é claro que não é em situação peior que a dos officiaes da tropa que vão refugiar-se os arredios!

Considerando agora a falsa orientação referida ter-se-á o resultado. A falta de officiaes, que razoavelmente justificaria que não se fizesse *tudo*, serve de commodo pretexto para não se fazer *nada*, salvo raras excepções de alguns incorrigiveis sonhadores. Assim, ainda se encontra em muitos corpos a ominosa instituição do expediente, isto é, a presença da officialidade no quartel, entre as 9 e as 12 ou as 13 e as 15, conforme a estação, para despachar o expediente e palestrar. Quanto á instrucção, é ella o que mais se resente, necessariamente, dos males da desprezada província. Justiça se faça, porém: aqui não se encontra, como no Rio, a "deshonestidade activa" dos vadios que embaraçam, por quaesquer modos, os esforços dos que querem trabalhar.

Em geral, não se observam por aqui os salutares principios da descentralisação da instrucção e correspondente responsabilidade por bateria, esquadrão ou companhia (art. 23 do Reg. Interno), nem os superiores exercem o direito da intervenção, que verdadeiramente é obrigação, nos casos de erros, desidia ou demora (mesmo art.), nem se pratica a subdivisão das escolas em pequenas turmas (art. 57).

Vê-se a centralisação da instrucção por batalhão ou grupo e o ensino ministrado em massa, isto é por um unico instructor, em geral sargento, para 50, 60 e mais homens, ou todo o pessoal de uma bateria ou companhia em torno de um caião ou de uma mesa.

Vê-se, como ainda ha dois annos eu i no Rio, a orgia da gymnastica — duas horas pela manhã — apesar de disposições claras do R. Gymn. recommendando que esses exercícios não devem durar muito"

(art. 13) e mesmo prohibindo sua "duração e repetição excessiva" (art. 3).

Vê-se tambem o ensino em massa nas chamadas escolas de esgrima de bayoneta, apesar da proibição expressa do art. 5 das "Iinstrucções para esgrima de bayoneta" de 1912, igualmente na instrucção dos signaleiros, apesar de estabelecer o art. 12 das respectivas "Instrucções" que cada companhia, etc. deve ter como instructores um official e 2 sargentos, sem embargo de poder ser feita a instrucção no ambito do batalhão, etc.

Esse vicio da instrucção em massa só será extirpado quando se começar o trabalho pelo começo: preparar os sargentos todos para darem a instrucção. Elles não têm culpa de não estarem na altura de "auxiliares do capitão e dos subalternos na instrucção..." (art. 211 do R. Interno).

E esse trabalho preliminar — eu o affirmo não apenas theoricamente, mas com o resultado pratico das tres experiencias que fiz nestes quatro annos em tres baterias — pôde ser vencido em tres semanas de ensino ininterrupto, continuando depois espaçadamente. É um ensino gratissimo pelos fructos que depois se colhem fazendo os sargentos applicarem ás praças o que aprenderam, estimulando-os a se aperfeiçoarem, e é um beneficio que se presta a elles individualmente e á disciplina da unidade, já pelo mais frequente e intenso contacto dos sargentos com as praças, já porque se desenvolve nestas a confiança, o reconhecimento da superioridade fundada na competencia, e não apenas no uso convencional das divisas.

**

Outro aspecto dessa orientação que se traduz no desamor ao Exercito ou falta de amor activo — o amor passivo, platonico, hypocrita em geral, de nada vale — é a beatifica resignação generalizada: parece que a erosão do tempo vae embotando a sensibilidade para as deficiencias chronicas do Exercito e tudo acaba conformado com a situação, não se ouve um queixume, não transpira uma reclamação, e ao desprevenido parece que tudo vae no melhor dos mundos.

Faltam os officiaes? Mas então o major ou capitão que commanda o regimento ou a brigada ha de requisitar o coronel e o tenente coronel ou o general?! Depois, que mal faz a diferença de gratificação a maior que, para cada coronel ou tenente

coronel não apresentado percebem um major, um capitão e um tenente, e assim por diante?

Falta fardamento, calçado, colchão? Ora, os soldados se arranjam. Elles dão um geito!

Quando de sentinella em tempo de frio, talvez geada, que se enrolem no seu cobertor encarnado (aqui já chegou a noticia de que actualmente o cobertor é kaki) ou que peçam emprestado um capote, um poncho ou um cobertor a um felizardo mais antigo, do tempo em que isto se pagou, ou aos recem vindos de outras paragens mais proximas do calor central e das vistosas do alto!

Morreram em 1915, de frio e fome, mais de mil cavallos? Ora esta! Os corpos tem invernada! Com certeza este anno já não morrerão tantos...

Porque pedir ao menos para os cinco mezes mais rigorosos uma raçãosinha palliativa de dois kilogrammos de milho, por cabeça? Precisamos fazer economia! A crise... Seria grave erro de lesa-thesouro nacional gastar uns 50\$000 por cabeça, quando depois se poderá fazer nova remonta á razão de 200\$000 e mais, sem contar as despezas accessorias: passagens, ajudas de custo, diárias...

A instrução da tropa se resente de todos esses males? E' claro. Mas não faz mal. As praças que têm especialidade (clarins, artifícies, conductores, apontadores, atiradores, telegraphistas, cyclistas, pilotos aereos, etc.) todas se engajam e vão aprendendo por antiguidade; as não especialistas, podem preencher os claros de improviso, á paisana mesmo se não houver fardamento em reserva nos corpos. Estes, os não especialistas, são a réles farinha de mandioca com que se ha de engrossar o pitéo para o inimigo se engasgar... (ou engulil-o sem ao menos mastigar!)

Depois, aqui não ha guerra; o Brazil só tem exercito, porque... porque... (porque será?) Temos o tratado do A B C e, como se sabe, o C de longa data está militarmente preparado, o A, como é notorio, prepara-se activa e continuamente, portanto, o B *vae no meio*.

A outra causa do deploravel estado de coisas da província: a instabilidade dos commandos, a partir dos de companhia, esquadrão ou bateria.

Raro é o commando que não esteja

exercido apenas interinamente, portanto, por official de função inferior. Sobretudo os commandantes de brigada e de regimento não se afeiçoam á sua unidade. Devido á instabilidate e insegerança de toda a officialidade do Exercito em seus corpos não ha entre nós um verdadeiro espirito de corpo, e este é um sentimento que não se improvisa, mórmemente em quem assenta praça já muito agalado. Assim, a maioria dos commandantes de unidades da província ou não vem a seus corpos, ou já vem com a promessa de voltar breve, ou no minimo com o pensamento voltado para essa idéa fixa. Portanto, e com a ajuda da referida desorientação geral, está explicado como a provisoriade chronica dos commandos, effectivos ou interinos, é volmosa fonte de mal.

Em dois ou tres meses de commando provisorio ninguem pôde desenvolver um plano de trabalho, ou crear uma orientação, nem num anno; e não sabendo se o successor, tambem provisorio, terá o mesmo modo de vêr, eis porque, em geral, os commandantes interinos não levam suas funcções a sério, como se effectivos fossem.

Illustro o caso com um exemplo do meu actual regimento, onde uma das baterias teve em dois annos vinte e seis commandantes.

Corpos sem commandantes effectivos, commandantes interinos de corpos e subunidades sem officiaes, canhões em argola ou em promiscuidade, cavallos famintos, soldados com frio, etc. etc. Eis porque digo e escrevo: *Desprezada Província!*

1º Tenente Bertholdo Klinger.

ALLEMANHA MILITAR

Dos relatórios do Barão Stoffel, addido militar da França em Berlim até a declaração da guerra de 1870.

O valor d'esta traducção decorre das considerações seguintes: a) — de auxiliar-nos a julgar com criterio as reformas introduzidas no nosso exercito desde 1908; b) — da necessidade de divulgar entre nós trabalhos d'esta natureza, que nos pôdem servir de guia; c) — de ser o Barão Stoffel um profundo observador e addido militar em Berlim na occasião do rompimento entre a França e a Prussia; d) — de seus relatórios serem anteriores á guerra e um repertorio de ensinamentos á sua Pátria, que não o ouviu.

Dizia Stoffel: "Eu desejo apresentar algumas considerações proprias a fazer conhecer as qua-

lades do exercito prussiano, o espirito que o anima; em uma palavra, — fazer conhecer o seu grande moral. Anima-me a convicção que tenho de que se vive em França na mais completa ignorância de tudo que concerne à Prussia, à nação ao exercito prussianos.

Como poderia ser de outra maneira, si a modéstia franceza não recebe a menor noção d'essa parte importante da historia que ensina a estudar as instituições dos povos modernos, seus caracteres, seu genio, suas tendencias, nem se lhe ensina a conhecer seriamente algumas línguas estrangeiras, descuidando-se de estimular-lhe o gosto pelo estudo?

O resultado é que as gerações se sucedem, sem outra causa saberem dos povos vizinhos da França, senão que elles existem, que professam a religião, e que suas principaes cidades são es e taes. (1)

Existe uma unica pessoa em França que tenha acompanhado o desenvolvimento tão curioso da nação prussiana desde 1815? (2)

Eis ahi um povo cheio de seiva que, em 50 anos, duplica sua população; que, apoiando o officio de suas instituições sobre dois grandes principios, a instrução obrigatoria (3) e o serviço militar obrigatorio, como duas columnas potentes, colloca na 1^a ordem entre as nações esclarecidas da Europa; que organisa um exercito formidable, provido e armamento sem igual, conduzido por officiaes os mais instruidos do mundo; e um tal espectáculo permanece despercebido, é um dia em que esse povo se revela, como a presa d'um raio, em 1866. (4)

Nós começamos então a estudar as causas de grande acontecimento; mas já esta nação susceptivel, energica e sem escrupulos, cujas fronteiras avançam até nove jornadas de marcha de Paris, sem um obstaculo natural interposto, conta 30 milhões d'almas e dispõe de um milhão de soldados.

Apresentando as reflexões seguintes sugeridas dos meus estudos sobre a nação prussiana, poderei ser acusado de sahir dos limites da minha missão militar, por quanto é na Prussia que a Nação e o Exercito a tal ponto confundem, que as qualidades de um se entram inteiramente no outro.

Acrescentarei que um observador atento rende mais vivendo algum tempo na Prussia do que em outro pela leitura de volumes inteiros, mesmo modo que se conhece melhor um homem pela convivencia do que pela sua biografia.

Detalhes, em apparencia insignificantes, ajudam a julgar um povo do mesmo modo que a um indivíduo. O estudo dos factos historicos serve pois para confirmar ou completar o julgamento tentado.

Toda pessoa isenta de prevenção e dotada alguma perspicacia discernirá sem dificuldades qualidades que caracterisam a raça da Alemanha.

¹ Com pequenas excepções, o que mais sabem os brasileiros, relatamente aos seus vizinhos do Rio da Prata?

² O congresso de Viena declara Napoleão I sór do direito popular; Wellington e Blücher ameaçam a fronteira da França 220.000 homens e travam-se depois a batalha de Waterloo, ultimo da gloriosa carreira do maior guerreiro da idade contemporanea.

³ Não invertemos estes principios, causa, talvez, da impraticabilidade dessa lei de 1908.

⁴ Batalha de Sadowa (Campanha da Bohemia), na guerra entre Áustria e a Prussia, ganha com muito brilho pelo exercito d'esta ultima.

nha do Norte: a energia, a audacia, o sentimento do seu proprio valor. O estudo da historia confirma esta apreciação. Vemos por duas vezes em cem annos a Prussia maravilhar o mundo. No reinado de Frederico, o Grande, contando apenas 4 milhões d'almas, ella luta durante 7 annos contra as forças austriacas auxiliadas pouco depois pelos exercitos russos e franceses (5); e se bem que, em suas Memorias, Napoleão I tenha afastado o maravilhoso no qual se envolveram os factos d'essa época, não é menos verdadeiro que elles testemunham uma indomavel energia prussiana, entretida e explorada pelo genio do seu rei.

Um seculo depois, (6) a Prussia, contando sómente dezenove milhões de habitantes, atrai sobre si, uma segunda vez, os olhares do mundo, aterrando a Áustria e os seus aliados!

Não se poderá negar que esses factos recentes (7) indiquem, no mesmo grao, audacia no delineamento dos seus planos e vigor na execussão.

No intervallo d'essas duas épocas, a Prussia experimenta a catastrophe de Iena.

Nenhum periodo de sua historia é mais proprio para mostrar a energia que a caracteriza.

A Prussia foi anniquilada em Iena (8); o Imperador a relega para além do Elba, lhe impõe contribuições esmagadoras, ajuntando a essas contribuições a humilhação de exigir que a mesma só mantinha sob ás armas 40.000 soldados.

Então essa nação viril, curvando-se ao jugo da necessidade, curva se sobre si mesma; estuda as causas de um tão profundo desastre, no firme propósito de libertar-se e vingar-se.

Os generaes mais distictos, reunidos em commissão, corrigem os abusos, reorganisam o exercito segundo princípios sãos; homens dos mais eminentes excitam o patriotismo por toda a parte; em todos os lugares se fundam sociedades secretas propagando o odio contra a França; dando exemplo de sacrificio, as familias mais ricas cedem ao Estado parte da sua fortuna. Auxiliado pelos sentimentos que animam toda a Nação, e amparado por homens de coração, o governo se prepara com o fim de aproveitar o momento favorável e illude as condições humilhantes impostas pelo Imperador, instruindo sem cessar novas tropas da landwehr. Chegado o anno de 1812, a Prussia fornece á Colligação 200.000 homens, distinguindo-se por um enfureci-

⁵ Na guerra dos 7 annos, Frederico II revela o seu genio militar batendo os melhores generaes d'aquelle época. Não se sabe o que admira mais: si o grandioso dos seus planos, si a intrepidez de execução!

⁶ Refere-se à campanha da Bohemia, — de Sadowa, — na guerra entre a Áustria e a Prussia. A Prussia organisa contra os austriacos, tres exercitos, commandados pelos principe real Frederico Carlos e general Herwarth. Estes tres exercitos, por uma marcha convergente sobre Gitschin, realizam a invasão da Bohemia pelos lados de Norte e Este, operando uma concentração dentro do proprio território inimigo, que importa na realização do primeiro objectivo da campanha. Daí então o rei da Prussia assumiu o commando dos exercitos, tendo o Conde de Moltke como chefe do estado-maior geral.

⁷ A guerra da qual vimos de falar obriga a Áustria a dividir os seus exercitos, pois a Prussia tinha a Itália como sua aliada. Os principais Estados secundários da Alemanha fazem causa commun com os austriacos. A Prussia divide os seus exercitos em dois: um contra a Áustria e outro contra os Estados secundários, sob o commando do illustre general Falckenstein, que assombra os austriacos com as suas rápidas e brilhantes vitórias.

⁸ A política das intrigas seguida pela Inglaterra desde Pitt, e que consiste em fazer brigas outras nações em seu proveito, armo contra a França a 4^a Colligação, constituída pela Russia, Inglaterra, Prussia e Suecia.

Napoleão I vence o exercito prussiano em Iena, e depois entra-triumphante em Berlin, em 28 de Outubro de 1806. Decreta nessa cidade o bloqueio continental contra a Inglaterra.

mento sem igual, e persegue a França com rancores que persistem vivos ainda hoje entre os descendentes dos homens dessa época. (9)

Não se pôde senão admirar a energia desse povo para o qual um desastre esmagador torna-se uma causa de regeneração. Este pensamento é tão verdadeiro, que se o encontra enunciado na maior parte das publicações prussianas que narram a história do XIX século. Eu já tenho ouvido de homens de alta representação essa afirmativa: "E à França que nós devemos a nossa alvorada, a nossa grandeza. Iena nos fez reflectir e nós aproveitamos a lição."

Julgarei melhor ainda a energia dos povos da Alemanha do Norte comparando-se o quadro traçado ácima ao que oferece a Áustria na mesma época. Duas vezes, no espaço de quatro anos, de 1805 a 1809, o Imperador (Napoleão I) abate a Áustria. Tira ella d'esses desastres repetidos um ensinamento qualquer? Sente ella a necessidade de retemperar-se em fortes instituições? Não. Essa nação amavel e sympathica, porém avida de gosos, continua a viver na rotina, sem resentimentos contra os seus vencedores, em seguida a tantas humilhações, sem esses sentimentos de odio que são proprios das raças vigorosas.

Não se viu durante a guerra da Bohemia os theatros e outros lugares de diversões publicas de Viena permanecerem abertos, e a multidão para lá se dirigir como em tempo ordinario?

Para quem conhece o povo prussiano, Berlim apresentaria uma outra physionomia, no caso d'um desastre soffrido pela Prussia.

E si eu insisti sobre as comparações precedentes, é porque elas me parecem próprias a fazer resaltar as qualidades solidas e viris da nação prussiana, as quaes, eu repito, se encontram encarnadas no seu exercito.

E preciso ajuntar a essas qualidades da nação prussiana, uma vigilancia, um amor ao progresso, um espirito de applicação elevado ao mais alto grão! Para demonstrar o que affirme levarei mais longe as comparações, que como se poderá ver, não são vantajosas á França.

Durante os ultimos quinze annos nós fizemos duas grandes guerras. Que ensinamentos nós tiramos sob o ponto de vista militar? Temos nós cuidado de aperfeiçoar uma só das nossas instituições, um só dos nossos serviços? Tem-se dito que tudo era do melhor, e a prova é que sahimos vitoriosos, primeiro da Russia e depois da Áustria. Quanto merece ser meditado o exemplo que nos dá hoje a Prussia! Ella tambem foi vitoriosa em 1866. E por esse motivo concluiu que a organisação do seu exercito tivesse attingido o ultimo grão de aperfeiçoamento?

Para se acreditar seria preciso conhecer muito mal esse povo serio, vigilante e avido de pro-

9) Na campanha da Russia, em 1812, onde Napoleão I arrasta até Moscou os exercitos da Baviera, Saxónia, Wurtemberg, Westphalia, Prussia, Áustria e Estados da Itália, ficou patente a falta de sinceridade que presidia a essas alianças. Forma-se no anno imediato a 6ª Colligação, seguindo da Campanha na França, e fizeram parte d'ella a Áustria e a Prussia.

Na Campanha da França Napoleão faz prodígios de grande tactica que revelam no mais alto grão o seu genio. Napoleão I é deposito ao seu throno o rei Luiz XVIII.

Em Fontainebleau Napoleão abdica, despedindo-se da sua guarda, punido de dor, seguindo para a ilha d'Elba. O epílogo d'esta lucta, que apenas fôrta interrompida, é Waterloo. Em 1821 morre Napoleão I, em Santa Helena, dizendo: "Eu lego o oprobrio da minha morte à casa da Inglaterra".

gresso. Pôde-se dizer que a guerra de 1866, depois de terminada, não é considerada pelos officiaes prussianos intelligentes senão como uma prova fornecida á Prussia para ensaiar as suas instituições militares. Varios generaes me têm dito: "Nós não temos feito uma só guerra importante depois de 1815 (Waterloo), e como nossa organisação militar nos parecia boa, nós estávamos desejosos de experimental-a. Entretanto cometemos muitas faltas durante a guerra de 1866, e reconheceremos que muitos detalhes poderiam ser melhorados." Com effeito, dois annos depois fez-se aqui, com relação a aperfeiçoamentos a introduzir nos diferentes serviços, um trabalho considerável, trabalho feito sem ruído, sem ostentação, porém com muita reflexão e presidido por um espirito pratico e ordeiro. No ministerio da guerra, nos estados-maiores dos corpos de exercito, nas diversas armas ou administrações funcionam commissões compostas de officiaes que tomaram parte na guerra, que estudam tudo, tendo em vista aproveitar a experientia adquirida em 66. Eu entrarei mais tarde nos detalhes das modificações adoptadas, limitando-me aqui a indicá-las. Tem-se: a) reorganizado as companhias de caminhos de ferro; b) modificado o serviço de ambulancias; c) reorganizado as companhias de padoleiros; d) reorganizado o serviço telegraphico; e) modificado a composição das columnas de munições da reserva de artilharia; f) modificado a dotação de munições para a infantaria, cavalaria e engenharia; g) aumentado a cavalaria; h) dispensado cuidados particulares ao ensino da esgrima á cavallo, por terem observado que na guerra de 1866, as duas cavallarias frequentemente se misturavam; i) organizado uma commissão de fortificações; j) organizado uma commissão de remontas; k) criado uma forja modelo; l) introduzido modificações no uniforme da cavalaria; m) criado duas novas escolas militares; n) duas novas casas de cadetes; p) uma nova Escola de sub-officiaes.

Estuda-se, além disso, a criação de uma Escola de telegraphia militar e uma de caminhos de ferro; a reorganização do serviço de intendencia, afim de melhor assegurar a subsistencia das tropas em campanha; enfim, a questão tão importante da bagagem de um exercito, á qual convém ajuntar, como trabalho complementar: a) nova divisão do territorio de toda a Confederação do Norte em districtos de batalhões de landwehr; b) mudança para Spandau de todos os estabelecimentos de artilharia; c) melhora no rancho dos soldados; d) aumento de soldo dos officiaes, sem contar as experiencias incessantes que se fazem no dominio da artilharia de terra e de marinha, assim como de armas portateis, etc.

Comparando-se este trabalho, fructo da experientia adquirida numa guerra feliz, com o que nós fizemos em França depois das guerras da Criméa e Itália, ficamos convencidos da nossa inferioridade e imprevidencia.

De um modo geral, a actividade desenvolvida em todo o exercito, quer se trate dos trabalhos elaborados no ministerio da guerra, quer pelas commissões, quer do estado-maior, quer se trate de instruções de detalhes ou geraes das tropas dos estudos de toda a sorte, a actividade desse exercito de preparo que já assignalei em relatorio precedente.

Nenhum exercito europeu a desenvolve no mesmo grão. Dir-se-ia uma colmeia!

Para comprehender a causa deste labor con-

stante, é preciso considerar que a qualidade distinta da nação, o sentimento do dever, é explorada em excesso, por assim dizer, em virtude da necessidade, sentida por todos, de completar a instrução militar dos homens, em um lapso de tempo muito restristo, pois elle não excede em média de dois annos e meio.

Mas estas razões não bastam para explicar a immensa actividade que reina no exercito, si deixarmos de levar em conta a influencia consideravel e pessoal do rei da Prussia.

E' es'e um ponto muito curioso e, eu creio, bastante ignorado no estrangeiro.

O rei da Prussia tem, relativamente ao exercito, uma situação sem igual, podendo exceptuar-se a Russia; elle é, em toda a accepção da palavra, o chefe do exercito (der Kriegsherr, como dizem os allemaes).

Conta-se, d'uma maneira espirituosa, que quem reina hoje (na Alemanha) tem pelo *metier* militar uma paixão por tal modo exclusiva de toda outra, que os seus subditos mais devotados lhe fazem quasi uma censura.

Eu me achava de carro com o general Moltke, acompanhando o rei durante a Exposição do anno passado (1867), em Pariz, no dia em que M. Haussmann fez à S. Magestade as honras da Capital.

O rei e todos os officiaes do seu sequito, estavam maravilhados.

O general Moltke, que nada diz senão o que pensa, pronunciou estas palavras, dirigindo-se a mim: "Eu estou muito satisfeito por ter o rei visto todas estas magnificencias de Pariz; elle se occupou quasi exclusivamente com o exercito; pôde assegurar-se hoje que um soberano, sem desprezar o exercito, e o nosso é excellente, deve interessar-se tambem por tudo quanto contribue para a grandeza de um povo". E o general aggiunhou: "Eu tenho o direito, mas do que qualquer outro, de falar assim, pois não tenho do que me astimar por motivo desta predileccão do rei para com o exercito." Mas, usando d'esta linguagem o general Moltke não reflectia que n'um homem chegado, como o rei, aos setenta e doulos annos de idade, os gostos e as paixões não se modificam mais.

E, com effeito, o rei permanece como era antes da sua excursão a Pariz em 1867; isto é, elle se preocupa com o exercito com uma preferencia accentuada e sua paixão pelas causas militares não tem diminuido. Sempre amavel e affetuoso, elle sabe tornar essa paixão attrahente e comunicativa.

Como principe, durante mais de 20 annos, elle dispensava já todos os cuidados ao exercito. Investido da regencia durante dez annos, depois de ocupar o throno em 1861, poude usar da sua autoridade soberana para pôr em execução projectos precedentemente concebidos e estudiados. Foi elle o instigador de todas as reformas introduzidas no exercito durante quinze annos e, particularmente, da grande reorganisação de 1860.

Foi elle, unicamente elle, quem, por sua autoridade sem limites, conduziu o exercito a esse grão de preparo que já assignalei em relatorio precedente.

Essa influencia directa e pessoal do rei sobre o exercito é tão grande, que não se poderá duvidar que mais de uma mola d'essa vasta maquina venha a afrouxar sob um outro soberano. Abre-se quanto o rei é activo e infatigável, ape-

zar da sua avançada idade. Os prussianos dizem, rediculizando, que é a mania dos Hohenzollern. Todos os dias, e mais commumente durante algumas horas por dia, o rei trabalha com o seu ministro da guerra, ou com o general Treskow, chefe do seu gabinete militar. (10) Para provar que não exagero, basta procurar a collecção de um jornal prussiano, a do *Allemanha do Norte*, por exemplo, e ler em todos os numeros da collecção a parte intitulada; Hof journal (jornal da Corte), onde se encontram as occupações quotidianas do rei. A leitura é fastidiosa, porque não ha um dia em que se não encontrem as mesmas phrases stereotypadas: "O rei trabalhou com o ministro da guerra; o rei conferenciou com o chefe do gabinete militar, etc."

Sob outro ponto de vista, o rei pôde ser considerado como — o inspector geral permanente do exercito

No mez de Fevereiro de cada anno, quando os recrutas têm mais ou menos tres meses de instrucao, elle começa as suas inspecções em Berlim, em Potsdam e Spandau, onde estacionam as tropas da guarda. O rei inspecciona em pleno inverno até companhias isoladas; assim é que este anno, com um frio rigoroso, elle foi à Potsdam para lá passar, segundo seu costume, revista minuciosa a duas companhias do regimento de que é chefe, levando o principe real a me dizer: "Não é que o rei é admiravel! Eu não sei se teria a mesma coragem."

Mais tarde o rei inspecciona separadamente os batalhões da guarda, em numero de vinte e sete. Em seguida vêm as inspecções para regimentos, depois para brigadas, para as diferentes armas, as quaes têm lugar em Maio. Durante tres meses o rei vê passar diante dos seus olhos as tropas todas da guarda e segue assim o progresso da instrucao em todos os grãos. (11)

As revistas propriamente ditas são passadas independentemente d'essas inspecções.

Como a infantaria da guarda é inspeccionada em Berlim, Potsdam e Spandau, e a cavallaria em Berlim e Potsdam, o rei se transporta a estes diferentes logares e passa cada inverno oito re-

10) "A criação d'este gabinete militar é muito criticada pela oposição. O rei não se separa do general Treskow, chefe do gabinete; elle o tem junto a si na excursão à Ems."

11) O nosso exercito permanente está constituído, em papel, pelas 5 Grandes Divisões, semelhantes às argentinas, em harmonia com a divisão militar do territorio da Republica e com a sua densidade de população

Parece-nos que esta nova organisação, sobre ser mais logica, mira ainda familiarizar os generaes, desde o tempo de paz, com as tropas que devem ficar sob o seu comando na guerra, fornecendo-lhes uma escola practica e proporcionando-lhes elementos para conhecerem nos menores detalhes as suas necessidades de toda a especie e principalmente as aptidões para a guerra, que pôde surgir do dia para a noite.

Entretanto, já temos, por motivos que não nos propomos discutir, porém conhecidos de todos nós, uma só divisão organizada, com todos os seus serviços funcionando à altura d'un exercito moderno?

Pensamos que não.

Até pouco tempo tínhamos a 3ª Brigada de Infantaria, com 2ª Divisão, com sede na Bahia, constituida pelas unidades seguintes: 11º R. I. não organizado, 50º, 51º e 57º de Caçadores, os dois últimos com sedes provisórias em S. João d'El-Rey e Rio Grande.

Que accão efectiva e real pôde exercer o general que a comanda?

Dirão: — Taes sedes tem caracter provisório.

— Mas até quando serão provisórias, si não resolvemos, preliminarmente, o problema dos quartéis?

Si o sorteio militar for ensaiado com resultados satisfactorios, temos quartéis, fôra da Capital Federal, que posam alojar os conscriptos, dando-lhes o relativo conforto a que têm direito?

Veremos de futuro.

vistas, chamadas aqui — paradas — a saber: tres para a infantaria, sendo uma em Berlim, uma em Potsdam e uma em Spandau; quatro para a cavallaria, duas das quaes em Berlim e duas em Potsdam (a cavallaria de cada uma dessas cidades apresenta-se uma vez a pé, outra a cavallo); emfini, uma para a artilharia e os sapadores. O rei inspecciona além disso a Escola de Tiro de Spandau, o batalhão de instrucção de Potsdam, a companhia de padioleiros de Berlim. Não devo esquecer de mencionar as sessões da Sociedade Militar de Berlim, que têm lugar no inverno, de quinze em quinze dias, e à maior parte das quaes o rei assiste, com o fim de desenvolver entre os officiaes o gosto pelo trabalho e estudo.

Deve-se notar que em todas estas inspecções e paradas o rei é acompanhado pelos principes, pelos generaes, por uma enorme multidão de officiaes, algumas vezes pelos ministros e funcionarios civis que ocupam cargos na landwehr; que o rei se mostra sempre attencioso e amavel, cheio de uma alegria comunicativa e de bom humor durante esses exercícios, e comprehendese-á o estimulo que d'ahi resulta para todo mundo, desde o general até o soldado. Eu pude acompanhar o rei este inverno, mais de vinte vezes. No mez de Junho estávamos em Potsdam, por ultimo lugar, onde o batalhão de instrucção celebrava a festa annual da sua criação. O rei que para alli segue todos os annos com a rainha, os principes e príncezas, reveste de grande importancia essa solemnidade, porque ella o colloca em contacto, por assim dizer, com todo o exercito.

Sabe-se, com efecto, que o batalhão de instrucção compõe-se de soldados escolhidos, em numero de 5 ou 6 em cada regimento de infantaria da Confederação do Norte. Estes homens assentam praça, quasi todos, para servirem por mais de 3 annos, permanecendo no batalhão durante o verão, e voltam no inverno aos seus respectivos regimentos. O fim desta instituição é derramar pelo exercito um elemento favorável á uniformidade da instrucção; mas a maior parte dos officiaes que eu tenho consultado negam a efficacia dessa medida, e veriam com bons olhos suprimir o batalhão de instrucção, se a sua organisação não tivesse ao mesmo tempo um fim mais elevado: o de approximar por alguns mezes soldados dos diferentes regimentos, e sobretudo fornecer ao rei occasião de se colocar em contacto pessoal com representantes de todo o exercito. Sua Magestade nada despreza para dar a essa festa toda solemnidade desejavél. Ha nesse dia officio divino, revista do batalhão, refeição especial, divertimento até á noite. O rei, a rainha, os principes e as príncezas se misturam com os soldados e participam das suas refeições.

O que precede pôde servir para dar uma idéa da actividade do rei durante o inverno e a primavera; mas essa actividade não se amortece no outomno. Eu junto ao meu relatorio a indicação dos exercícios de outomno que a guarda executará de 20 de Agosto a 30 de Setembro. O rei assistirá a esses exercícios na sua volta de Potsdam. Depois virão as manobras de divisão contra divisão. Para acabar de explicar as cousas do grão de preparo que attingiu o exercito, ajuntarei que o rei é secundado nos seus esforços por todos os principes e commandantes de corpos de exercito, cujo zelo é alimentado no desejo de agradar o soberano. (12)

E' ordinariamente em Junho que cada um

delles inspecciona as tropas sob seu commando. O principe real acaba de inspeccional o II corpo o principe Frederico Carlos o III. O fim dessas inspecções de corpos de exercito é assegurar-selos — grão de aptidão para a guerra — que as tropas têm adquirido; para outros detalhes os commandantes em chefe informam aos generaes collocados sob suas ordens, estes aos commandantes de regimentos, que têm uma outra iniciativa e bem maior responsabilidade que os corneis franceses.

Officiaes que têm acompanhado o principe Frederico Carlos e o principe real em suas inspecções, me têm fornecido informações conforme em todos os pontos, áquellas colhidas por mim mesmo em Berlim e arredores, assistindo aos exercícios das tropas da guarda. Por toda a parte mesma actividade, os mesmos principios, onde tem em vista o papel immediato das tropas na guerra.

As tropas são exercitadas em campo raselado dia num lugar, outro dia n'outro; — para infantaria, exercicio de fogo de atiradores em terrenos diferentes; — para a cavallaria, recuements e serviços de postos-avançados; — para a artilharia, exercicio de fogo e mudanças constantes das baterias e dos alvos, afim de que os officiaes precisem as distancias e rectifique o tiro; — para a artilharia e cavallaria, transposição de obstaculos á grande velocidade como fossos, cercas, vallados, etc.

(Continua)

2º Tenente M. Alexandre da Luz

(12) Isto mostra quanto secundo é o exemplo de amor ao trabalho e respeito aos regulamentos, quando partidos dos chefes. Nós não temos soberanos, porém temos desejos de agradar aos nossos chefes, não pela bajulação servil, mas sim pelo trabalho productivo.

Organização dos Arsenaes e Fabricas Militares

Quadro Technico

Para que a chefia de grupos ou secções se torne uma realidade efficiente já indicamos duas soluções. Os cargos de Chefes de Grupos serão desempenhados por civis ou por militares pertencentes a um quadro especial. Só assim chegaremos a ter profissionaes — causa indispensável á vida e ao progresso de um estabelecimento industrial qualquer.

A primeira solução, a dos civis, parece-nos impraticavel, por agora: pois onde difficilmente se arranja um contra-mestre como obter chefes de grupos?

A chefia do Grupo — direcção technica de um conjunto de officinas — tem sido entre nós um cargo puramente decorativo de um modo geral o Chefe de Grupo designa papeis e, em assumptos technicos vae gulosamente comendo pela mão do contra-mestre...

Essa vergonha precisa cessar.

E cessará sómente com o corpo de profissionaes.

A instabilidade, porém, dos officiaes que servem nos estabelecimentos fabris militares, jámais permitirá que disponhamos de um quadro de technicos.

Porque, sem trabalho effectivo e constante, por muitos annos, junto á officina, sem o estudo ininterrupto da especialidade em que se trabalha, como aprender os multiplos detalhes pequeninos, os mil segredos de uma fabricação?

Recorrendo ao livro?

Mas o livro só nos dá a direcção Norte—Sul, e por muito favor algumas vezes nos indica uma estrada. Ainda nessa melhor hypothese, se encontramos na estrada um atoleiro, como o transpôr?

O livro nada diz e nunca o dirá, porque os atoleiros formam-se em tempos imprevistos e em logares ainda mais imprevistos.

Entretanto, o obstaculo seria facilmente vencido por um *vaqueano*.

Nós precisamos de *vaqueanos*; praticando a profissão, a especialidade, nós os teremos, e argutos.

Não é só. Para emprehendermos a primeira viagem, as lições do livro são completamente falhas; teremos então que recorrer a um *vaqueano-mestre* ou que nos aggregar a alguma *tropa* veterana.

Em linguagem vulgar: contracto de especialistas experimentados ou estagio em fabricas estrangeiras.

Já temos praticado as duas fórmas de aprendizagem; mas, isoladamente, sem methodo, e os resultados obtidos, mesmo com esses casos esporadicos, é o melhor argumento em prol do que preconisamos.

Urge prosseguirmos na praticagem, generalisando-a, porém, e systematisando-a.

A meia duzia de officiaes technicos, com preparo regular que possuímos actualmente, precisa ser elevada a umas trez duzias com preparo solido, completo, perfeito.

Preparar, entretanto, um nucleo de profissionaes technicos para lhes dar destinos extranhos e extravagantes, melhor será não bolir nisso.

Antes mesmo da systematisação da aprendizagem real e proveitosa, necessario se torna desde já o aproveitamento do nucleo pequenino que temos para, com alguns voluntarios, organisarmos a força permanente, estavel — o quadro technico. Nôvidade alguma estamos dizendo aqui. Toda

essa orientação para tornar efficiente a nossa industria fabril militar tem sido pregada, com abundancia de argumentos desde muitos annos por officiaes de illustração real no assumpto.

O espaço que generosamente nos é cedido nesta Revista não nos permite transplantar para aqui, todas as opiniões e argumentos valiosos a respeito.

Limitar-nos-emos, por isso, á citação de alguns topicos interessantes.

Escreveu Alfredo Eduardo de Oliveira, 1º Tenente do Corpo de Estado Maior e auxiliar da Comissão Technica Militar Consultiva:

«Apezar da carta de engenheiro militar, obtida com o meu esforço na Escola Superior de Guerra, confesso que foi de surpresa a impressão que experimentei diante d'aquelle estabelecimento fabril de primeira ordem. (Fabrica de munições em Karlsruhe).

A minha inexperiencia, ou antes a minha ignorancia, não a disfarcei; mas desde logo concentrei os esforços para adquirir conhecimentos praticos, etc.» (1)

Esta louvável franqueza, se bem que vá rareando entre nós, ainda encontra distintos camaradas que a desposeem.

Paginas adiante diz o ousado escritor militar:

«... cabe-nos declarar que já tínhamos por parte do Brazil um auxiliar — Joaquim Ferreira Dias, mestre serralheiro do Laboratorio do Campinho, operario trabalhador e intelligente, mas que, mais ou menos, *nada entendia d'aquillo*. Ferreira Dias, que fôra como auxiliar, só podia aprender, como de facto aprendeu, etc.»

O General Pedro Ivo da Silva Henriques, de illustrada memoria, com estagio na Europa e por muitos annos Director do Arsenal de Guerra da Capital Federal, deixou escripto:

«Metta-se a administração da guerra, resolutamente, nessa sagrada empreza, apparelhando o Arsenal de Guerra (digamos nós: as Fabricas Militares) com machinaria apropriada; adquira tambem, no estrangeiro, pessoal idoneo para encaminhar os nossos operarios, e guiar os nossos officiaes... etc.» (2)

(1) "O Problema da Polvora no Brazil" — 1898. O grypho é nosso.

... E só assim teremos fabricação de material belico.

A necessidade de um quadro especial de profissionaes resalta mesmo da dificuldade e delicadeza da aprendisagem. Outros, porém, que falem. Como um caso typico da necessidade da *especialisaçao* pelo menos por parte daquelles que servem no Exercito com dedicação, pensando sempre na defeza de sua Patria, repitamos nestas columnas as palavras escriptas pelo Capitão Parga Rodrigues, que serviu no Exercito Allemão:

«Os enormes progressos realisados nos differentes ramos em que se divide a artilharia não mais permitem que, como pretendemos, possa um individuo, por mais intelligente, instruido e activo que seja, ser ao mesmo tempo bom official de artilharia de campanha, de costa, ou um bom technico.» (3)

Assim, para constituirem o quadro de technicos, encarregados de experiencias, estudos, aquisição e recepção de material, estariam naturalmente indicados os officiaes que acompanharam no estrangeiro o fabrico de material de guerra e os que, atendendo-se aos antecedentes e ao numero de vagas, requeressem para fazer parte do quadro. Seria vantajoso instituir-se o curso de engenheiros-artilheiros.»

O illustre Capitão quer a especialisaçao na Artilharia, creando ahi um quadro de technicos; nós não desejamos tanto.

Seria já uma victoria estupenda se conseguissemos a creaçao de um quadro geral technico, sem especialisaçao. Ou então, que a especialisaçao fosse por ora sómente entre officiaes exclusivamente da tropa e officiaes exclusivamente de material belico.

O "technico" a que ironicamente se refere o competente camarada é muito diferente daquelle que imaginamos:

“Muito ponderado e logico, elle lança olhares atravessados para esses guapos cavalleiros que, parece-lhe, esqueceram-se já dos inconvenientes da inercia, da theoria do choque, etc.”

(2) “Os Arsenaes de Guerra da Republica”—1912. O grypho é nosso.

(3) “A Defeza Nacional” n. 25.

Deus nos livre e guarde de technicos como esse.

O technico que devemos ter é aquelle que *saiba fabricar*, por exemplo, uma espoleta de duplo efecto e que ao encontrar um artilheiro que *saiba atirar*, sinta ao mesmo tempo orgulho e duvida.

Orgulho por ser o *fabricante* de um dos mais ricos elementos de victoria do seu camarada, e duvida por ficar sem saber qual o maior perante a Patria, se elle que fez a bôa espoleta, ou se o irmão que soube bem empregal-a.

Desses technicos, desses profissionaes, é que nós desejariamos ter um “Quadro Technico”.

1º Tenente Freire de Vasconcellos.

HINDENBURGO

Sua batalha de inverno na Masuria, de 7 a 15 de Fevereiro de 1915

(Conclusão)

Nos dias 13 e 14 estavam cortadas todas as estradas que, de Wizawni, Suvalki e Augustowo conduzem á Russia e terminado o movimento envolvente tanto pelo N. como pelo S. Cahiram em poder dos exercitos allemaes Stallupönen, Kibarty, Wilkowischki, Mariapol, Kalwarija, Seyny, Augustowo e Grajewo. Apezar de haver o centro conseguido conservar sua posição na linha Arys, Lötzen, Angerburg, Darkehmen e Gumbinnen, estava fechado o circulo de ferro e decidida a sorte dos russos. Em tal caso, eram ainda de temer tentativas de ruptura e rudes combates cujo resultado podia ser duvidoso. Mas tambem Below, com o centro allemao, havia cumprido perfeitamente sua missão. As tropas que se achavam situadas a E. de Gumbinnen se uniram ás de Eichhorn que avançavam, concorrendo para a tomada de Stallupönen. Os regimentos de Landwehr e os batalhões de Landsturm dispostos por detraz do Angerapp e deante de Lötzen não fustigavam por enquanto o inimigo, porém, quando a ala direita russa começou a abandonar sua posição ante o ataque das tropas de Eichhorn, quando pelas noticias trazidas pelos aviadores se soube que se retiravam os russos que aquellas forças enfrentavam, chegou tambem para elles a hora de avançar.

Emprehenderam seu ataque no dia 11

sugeitando as rectaguardas inimigas e batendo-as em numerosos combates isolados.

A 12 e nos dias seguintes continuaram a perseguição penetrando nas columnas de marcha inimigas, fazendo numerosos prisioneiros e recolhendo muito material. Esta parte do exercito russo tambem se dissolveu e sua retirada se converteu em fuga. Desgraçadamente, porém, na noite de 11 para 12 choveu e começou o degelo. Os caminhos se inutilisaram e ficou detida a artilharia com suas columnas de munições; os elementos que não se puderam arrastar foram abandonados e afundaram nos lagos e pantanos. A 21 de Fevereiro, na região em que tiveram lugar os combates de Lötzen e no lago de Widminn, tiramos d'agua oito peças de grosso calibre.

Em quanto se travavam os combates que acabamos de descrever, começava também uma batalha em Lyck. As tropas siberianas ali postas resistiram bravamente até o dia 14, mesmo com seus flancos completamente ameaçados e havendo já cahido em nossas mãos Grajewo e Margrabowa. Os russos tinham ordem de manter-se ali a todo o custo, assim de conter a perseguição alemã e salvar por esse modo a maior parte do seu exercito, visto como ignoravam ainda que as estradas de retirada estavam em poder dos alemães.

Muito forte por natureza, a posição de Lyck offerece grande resistencia contra um ataque por O. Seis lagos rodeiam Lyck formando um arco que se abre em direção N. E. São os lagos de Laszmiad, Gr. Sawinda, Waszell, Sanowo, Lyck e Gr. Selment. Das cinco linguas de terra formadas por estes lagos tres são faceis de defender, as que ficam entre os quatro lagos primeiramente citados. O defensor as pôde bater de uma frente extensa comprehendida entre o lago Laszmiad e Lyck e da altura dominante 177.

Em troca disso, quem ataca deverá forçar as passagens em tres columnas profundas e estreitas, pois a mais larga dellas apenas mede $1\frac{1}{4}$ km. Em compensação, se o atacante consegue approximar-se da cidade por O. ou por E. do lago de Lyck, por Mathildenhof ou Sybba, a posição do defensor torna-se insustentável, porque fica muito ameaçada pelos fogos de flanco e rectaguarda e corre perigo a linha de retirada para Iéste.

O general russo, percebendo claramente a situação, ocupou as tres passagens dos

lagos do Norte, a posição defensiva citada e adiantou suas tropas para S. O. até a linha Thalussen — Nenendorf. Se um ataque envolvente à ultima posição houvesse imposto a retirada, esta teria conduzido a uma catastrophe, porque as duas estradas pelas quaes ella deveria verificar-se atravessam os passos situados a E'ste e O'este do lago Lyck, batidos por todo o fogo do inimigo em sua extensa avançada.

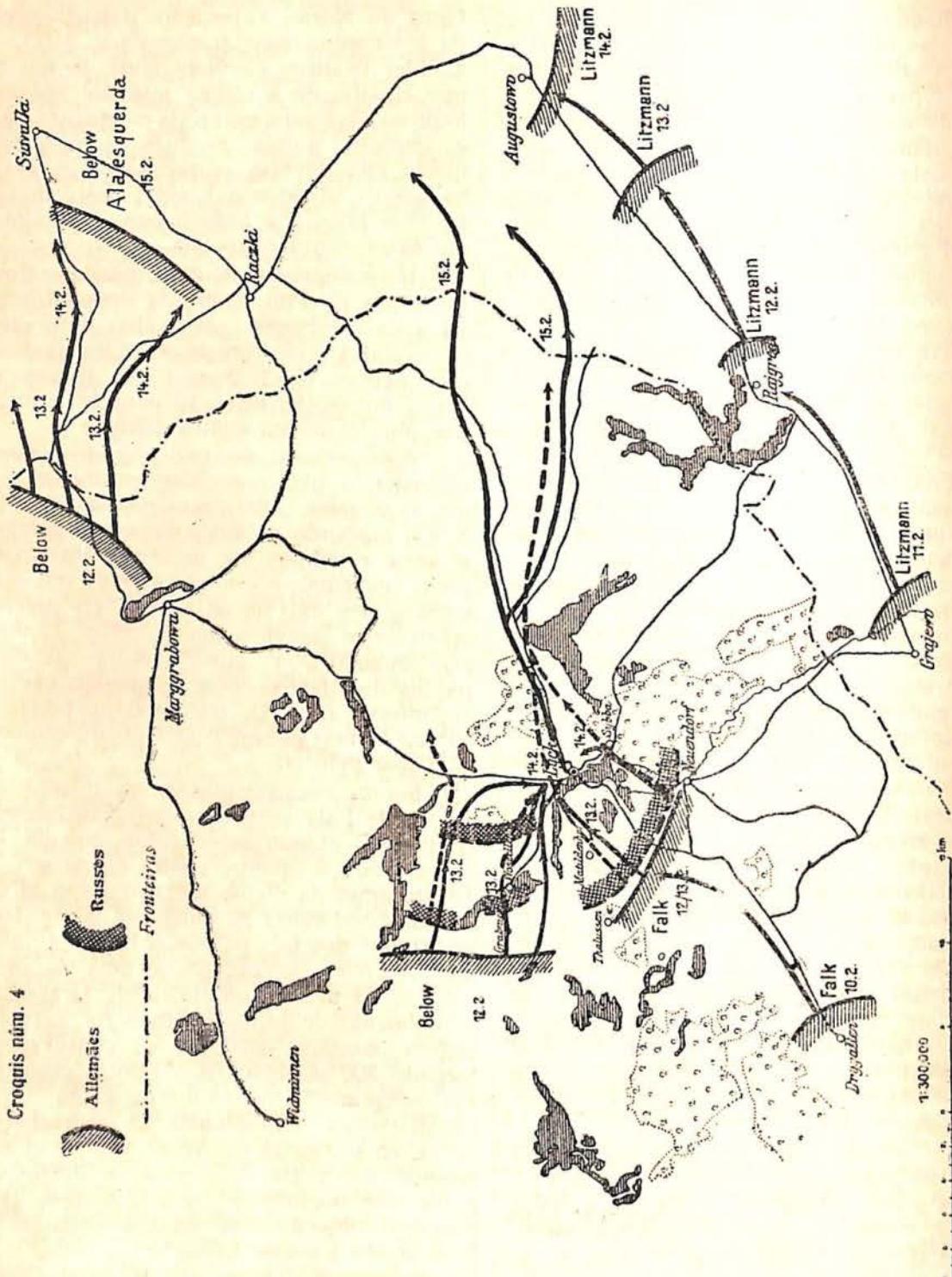
Dispunham os alemães, para o ataque, de tropas da Pomerania, da Prussia Oriental e da Landwehr e entre elles de nucleos importantes do corpo de exercito de Falk, que depois de rechassar os russos de Bialla mudou de direcção para N. e avançou por Drygallen contra Lyck.

Ajustando-se ás condições do terreno, consistia o plano de ataque alemão em um movimento envolvente por N. O., E. e S. O., atacando os cinco passos dos lagos e seus caminhos de accesso. Mas, para poder executar o ataque por N. O. com exito e sem excessivas baixas, era preciso apoderar-se previamente da linha Thalusen-Nenendorf, e atirar contra os dois passos dos lagos do S. o inimigo que se encontrava a S. O. da cidade, e proteger então, flanqueando-o com fogo de canhão, o ataque pelo N.

Foram encarregadas desta missão as tropas de Falk e especialmente a brigada Buttair. O ataque se executou no dia 12 empurrando o inimigo contra os passos. A 13 atacaram os do N. um corpo e a divisão de Landwehr; na aldeia de Woszellen, no central dos tres passos, a luta foi sumamente violenta. Depois de uma vigorosa preparação pela artilharia desde Grabuick, o regimento de fuzileiros numero 33 conseguiu assaltar Woszellen e conservá-la, fazendo 300 prisioneiros. Assim accrescentou o regimento novos louros á sua coroa de gloria de Gumbinnen e Tannenberg.

Com o assalto de Woszellen apoderamo-nos da chave da posição defensiva russa. Na manhã de 14 a luta teve por principal objectivo os passos situados a E. e O. do lago de Lyck.

Os russos tiveram por fim que abandonar também estas posições. Grandes foram as baixas do inimigo, numerosos prisioneiros e muito o material apresado. Os restos das tropas siberianas, em plena dissolução, se espalharam para E. abandonados á sorte que os alcançou no bosque de Augustowo. O exito em Lyck foi tambem



completo e constituiu uma brilhante vitória.

Os combates de Lyck tiveram especial importância e se desenvolveram à vista do nosso Imperador. Terminaram com uma cena commovedora e histórica: o

Imperador na praça do mercado de Lyck, rodeado por seus triumphantes e gloriosos fuzileiros do regimento numero 33 e, por trás destes, centenares de prisioneiros russos do longínquo oriente asiático. E ao redor, muros derrubados, ruínas fumegantes, a egreja

destruida. Somente resta de pé o monumento da guerra de 1870 com o anjo da paz e a cruz de ferro! Ha, porém, outra causa que perdura através dos séculos e que hoje resplandece de novo com vivissima luz: a lealdade alemã, a adhesão do alemão a seu monarca, a lealdade do monarca para com o seu povo. Os soldados barbados, mal tratados e ensanguentados saúdam seu Imperador com um triple *Hurra* com o *Heil dir im Siegerkranz* e com o *Deutschland, Deutschland, über alles.*

E o Imperador falando com seus fieis soldados lhes dirige palavras de gratidão e reconhecimento por sua abnegação e valor, e bem assim palavras de ardente patriotismo. E nesse patriotismo, no amor á patria alemã, se unem todos os corações e o coração do Imperador. Quem haja presenciado esta scena, que a não olvide; jámais poderá ser testemunha de outra mais solemne!

Resultado final

A ultima resistencia dos russos foi quebrada em Lyck; as tropas siberianas ali batidas procuraram em sua debandada chegar a territorio russo. Alcançaram-n'o, porém, não poderam escapar. Encontraram-se novamente com forças alemãs que vinham no seu encalço e os que até então haviam escapado á morte cahiram prisioneiros. O circulo de ferro alemão fechava-se cada vez mais em torno dos restos do exercito russo. A 15 de Fevereiro Eichhorn estava em Seyny, Beiow em Suwalki e Raczki, Litzmann em Augustowo. As forças de Eichhorn e Litzmann cerravam as linhas de retirada e o bosque de Augustowo. O resultado da formidavel lucta foi o seguinte: 110.000 prisioneiros, 300 canhões, 200 metralhadoras e immenso material de guerra.

Pela terceira vez havia Hindenburgo destruido todo um exercito russo. O bosque de Augustowo foi o sepulchro dos restos do exercito russo que ali chegaram extenuados e famintos. A 15 de Fevereiro já não havia um russo em territorio alemão: seu 10º exercito tambem havia deixado de existir.

Tinha havido uma nova batalha de Cannas, um novo Tannenberg com um campo de batalha até então desconhecido. Na batalha de Leipzig a posição francesa alcançava uns 40 kilometros de extensão, nesta batalha da Masuria a frente russa

era de 165 kilometros. Ali luctaram 200.000 aliados contra 140.000 franceses, aqui 250.000 alemães contra 220.000 russos; então fracassou o movimento envolvente, agora teve um exito completo apezar da neve, da chuva e do gelo...

Para quem appellar?

E' chegado o momento em que não mais posso dominar a indignação que a mim, como aos verdadeiros patriotas, tem causado uma serie de factos dos quaes cada um é um legitimo attentado contra a nossa soberania e uma cabal prova de falta de consideração para com a nação brasileira.

Individuos que, por méra vaidade e falta de capacidade para causa melhor, procuraram sempre imitar o que de peior e de mais dissolvente havia na França e conseguiram isso aqui implantar, inutilisaram em grande parte os esforços feitos no sentido de nos constituirmos de facto em nação independente, viril e forte.

Almas irmãs daquellas que em França, antes da guerra, propagavam a indisciplina, fabricavam ás dezenas livros de fancaria, aqui lidos com enlevo, e nos quaes o glorioso Exercito frances é insultado e aviltado, querem hoje que esse mesmo Exercito seja um modelo de disciplina e de bravura, ou um iman de glorias.

Esses individuos que se phantasiam com o habito de amigos da humanidade, elles que ainda não sentiram o amor da Pátria, estagio essencial e degrao que um dia nos conduzirá fatalmente ao amor da humanidade, contribuem diariamente para a desordem interna, trabalham sem cessar para o falseamento das leis do paiz, nenhum interesse tomam pelas coisas nacionaes, não vibram sequer pelas desgraças patricias e, como faria o diabo feito ermitão, fingem ocupar um pulpito de onde pregam principios de ordem, de direito e de patriotismo a nações que isso nos podem ensinar.

Esses homens, ignorantes ainda que doutores, egoistas ainda que apostolos, covardes ainda que mashorqueiros, aliados a uma imprensa já ha muito desnacionalizada, pretendem levar a sua infamia até a dissolução de nossa nacionalidade.

Que as nações aliadas contra a Alemanha procurem por todos os meios nos

seduzir e nos envolver na guerra, explorando a nossa situação, explica-se facilmente.

E' tambem perfeitamente explicavel que os lisboetas que nunca visitaram o Brazil supponham poder a sua patria servir-nos ainda de exemplo ou de metropole. O que, porém, já se torna intolleravel é o abuso que portuguezes aqui domiciliados commettem, ora na imprensa com os seus perfidos *nossos*, ora nas patriotadas onde, segundo consta, quasi foram linchados brasileiros, e a falta de energia que commetemos em consentir que individuos, que não tem coragem nem civismo, bastantes para se alistarem sob a bandeira de seu paiz, ponham-se da janela de nossa hospitaleira casa a cuspir sobre seu adversario, com quem mantivemos sempre bôas relações de amizade.

Que significa essa *boycottage* feita aqui no nosso paiz, e com a qual a unica pre-judicada será a nossa população pobre e ordeira já tão assoberbada por uma serie interminavel de crises, sinão o mais completo desprezo pelo povo brasileiro?

Como pôde um estrangeiro por meio de caricaturas, insertas em jornaes que aqui se publicam, insultar tão covardemente um paiz amigo na pessoa do seu supremo chefe e o seu exercito na pessoa de um soldado, representados por inilludiveis figuras, tomando ainda, por cumulo do desaforo, a figura de Christo para instrumento de sua vilania?

O papel de gato-morto que nos querem distribuir estará, por ventura, de acordo com a dignidade, a lealdade e a generosidade que caracterisam a nossa politica internacional?

Os mestres do *direito* e generaes dos exercitos da paz que nos digam agora em virtude de que principio pôdem os Estados Unidos vender livremente algodão, café e até armas e munições de guerra, e não podemos nós nem ao menos prover ás necessidades do nosso serviço de cabotagem por meio de arrendamento de navios allemães!

Aquelles que, tendo cultivado o sentimento do amor nas suas diferentes manifestações, tornaram-se dignos de sentir o amor da Patria, esses devem estar prevenidos de que, no dia em que formos obrigados a pegar em armas contra um qualquer attentado estrangeiro, teremos dois inimigos a combater — o estrangeiro e o ermitão cá de casa.

Capitão Parga Rodrigues.

REUNIÕES NO CLUB MILITAR

Pretende um grupo numeroso de officiaes levar á execução a idéa, por toda a parte bem accepta, de se encontrarem elles ao menos uma vez por mez nos salões do Club Militar.

Espera-se desenvolver assim, em palestras e entretenimentos apropriados a um tal objectivo, a troca de idéas e impressões sobre assumptos profissionaes, o espirito de boa camaradagem, a cohesão, emfim, no corpo de officiaes, cada vez menos heterogeneo á proporção que os annos se succedem.

E' digno de francos louvores este movimento. Quando mesmo um tal gesto não encontre logo uma grande repercussão no quadro ainda desharmonico da nossa officialidade, cujo feitio burguez é accentuado, nem por isso elle será um esforço perdido na conquista systematica de melhores habitos.

E' sabido que o Club Militar, ao modo de vêr de muitos, não deve ir além do papel de gremio beneficente, perigoso como é nas mani-festações de suas assembleás geraes, algumas das quaes perduram ainda tristemente na memoria de todos.

Seria, porém, lamentavel que o espirito excessivamente cauteloso de alguns associados os levasse a uma opposição systematica em relação a qualquer tentamen de aperfeiçoamento.

As reunões em projecto não estacionarão, certamente, nas simples palestras sem rumo, alegradas com boa musica e com o encanto da convivencia.

E' de presumir que a digna Directoria do Club as pa'rocine, tornando-as suavemente instructivas e proporcionando-lhes maiores attractivos, de modo a captar o franco apoio de muitos espiritos brilhantes, hoje votados a um involuntario ascetismo.

A idéa que agora congrega grande numero de bons elementos dos diferentes gráos da hierarchia militar numa acção collectiva, não é, aliás, um acto puramente convencional de simples *snobismo*: é un symptom animador de vitalidade que não pôde ser posto em duvida.

Observações pequenas

A julgar pelo numero de permissões dadas pelo Ministerio da Guerra para officiaes e praças rasparem os bigodes, é necessaria a nomeação de uma commissão para estudar as causas da molestia, ou molestias, que vêm atacando esses ornamentos masculinos.

Quem observar attentamente verá que, alem dos que obedecem aos preceitos do Aviso de 1859, restaurado pelo Sr. Marechal Bormann quando Ministro da Guerra, grande é o numero de militares, principalmente praças, que eliminam os bigodes.

A razão apresentada para justificar a necessidade da permissão ministerial para

o uso do rosto sem barba é que o bigode é signal característico.

Se considerarmos que nas mesmas condições está a barba, cujo uso não sofre restrição alguma para os militares, e que a maioria da oficialidade verificou praça imberbe, ressaltará o nenhum fundamento dessa allegação.

Os signaes caracteristicos são necessarios para a identificação dos militares, quando mortos no campo de acção e para a captura, quando foragidos.

No primeiro caso a identificação se faz, independentemente do que consta nos assentamentos, que ficam nos archivos, pelos proprios companheiros do dia.

Não se oppõe a ella o uso dos bigodes raspados.

No segundo caso, mais applicado ás praças, é mais facil ao fugitivo mudar de feição tirando o bigode que deixando crescer o raspado, o que demanda dias.

Na Marinha é commun o uso do bigode raspado e seus membros têm as mesmas exigencias militares que os do Exercito.

A necessidade da permissão do Ministro da Guerra para essa operação simplicissima, não está de accordo com o regimen politico actual, e só serve para aumentar o expediente das repartições militares, tirando-lhes o tempo preciso paracuidarem do que nos falta, e que não é pouco.

Sabemos todos que os attestados uzados para justificar a permissão são graciosos, poucos medicos militares se negando a dal-os, e que o Ministro deante d'elles, a menos que mande os militares baixarem ao hospital para tratamento, não tem outra sahida senão dal-a.

Sabemos tambem que todos os motivos allegados se resumem em um só — a Moda.

Sabemos ainda que a maioria dos militares que raspam os bigodes não tem essa permissão.

Para que, pois, a exigencia se não são punidos os que infringem as disposições legaes?

Em Portugal foi ultimamente resolvida de um modo bem racional a questão da barba militar.

Lá o militar pôde usar o talho de barba que desejar, contanto que não cubra os distintivos da gola, apresentando-se em forma sempre correctamente barbeado.

As praças que desejarem mudar de talhe devem comunicar isso ao commandante de sua companhia, para serem dispensados de fazer a barba.

O Snr. General Caetano de Faria, Ministro da Guerra, resolveria satisfatoriamente a questão adoptando essa medida.

* * *

Publicou o Boletim do D. G. n. 475, o decreto alterando o plano de uniformes do Exercito, e o n. 476 o modelo do novo bonet, ambos reproduzidos no n. 30 desta revista.

O modelo traz todas as dimensões claras, de forma a dar a esperança de não virmos e ter o bonet modificado, como o górra, que tendo a cinta mais baixa na parte posterior, pelo modelo, acabou com ella mais elevada.

Das especificações tiramos a seguinte: G — para todas as armas o bonet dos officiaes terá na frente, correspondendo ao meio da pala, o emblema da Republica, de metal bronzeado.

Nos numeros do Boletim citados, o emblema adoptado para o bonet, de accordo com a especificação mencionada, está encimando a primeira pagina e facil é ver que não é o mesmo existente no modelo.

O decreto de 19 de Novembro de 1889 creando o emblema da Republica, foi publicado em Ordem do dia do Exercito, do qual o Boletim é successor, com os desenhos respectivos a cores, e por elles foi tirado ó do emblema que figura nos Boletins do D. G., até antes da sua remodelação.

O decreto 1889 tendo alterado sómente a cor do emblema, nada modificando do seu traçado, é preciso pol-o no modelo do bonet integral como está no Boletim, pois só assim elle é o emblema da Republica.

* * *

Para que o capote adoptado para as armas montadas tambem possa cobrir as pernas e evitar que a agua desça pelas costas para o assento do selim, é preciso dar mais folga aos pannos lateraes por meio de dobras nas abas junto á abertura posterior, limitando o afastamento destas, na parte superior, com auxilio de uma presilha ligada ás dobras internas, um pouco abaixo da cintura.

Os distintivos do capote precisam voltar a ser bordados; os metallicos não só arranham o rosto constantemente, como se quebram com a maior facilidade.

Podem ser bordados a retroz vermelho para serem mais facilmente distinguídos a alguns metros de distancia.

1º Tenente João Marcellino.

Praxes a eliminar

Por mais de uma vez tratámos nesta revista de certos serviços parasitários só explicáveis em exercitos coloniaes da idade média, e que levam a perturbar a evolução da nossa embryonaria organização militar. Perturbação duplamente prejudicial, porque não só é desperdiçado o tempo gasto com semelhantes serviços, como tambem, o que alias é muito mais grave, deprime o moral de quem tem a infelicidade de estar na altura de discernir entre a nobre e sagrada missão que lhe cabe, de preparar a defeza da Patria, e a humilhação de um serviço como, por exemplo, o de patrulhamento em ruas de meretrizes.

Não resta duvida que para essas desgraçadas é de alguma sorte vantajoso esse serviço, pois o oficial exerce sem o querer o papel de fiscal do pagamento da mercadoria que elles vendem. De alguma sorte, dizemos, porque tambem é verdade que a presença mavortica do superior de dia com todo o seu indefectivel sequito ha de espantar uma bôa parte da freguezia. E' triste esta contingencia do official brasileiro que sente a sua nobre missão desvirtuada e vê-se transformado por um lado em *impata* e por outro em auxiliar do meretricio, numa faina enervante de prender diariamente, durante toda a vida, os mesmos soldados, saídos da mais immunda camada da escoria humana, cheios de todos os vicios imaginaveis e que se perpetuam como um cancro nas entranhas do exercito, em consequencia da theoria carrapatophila dos engajamentos.

O militar, desde o marechal ao corneteiro, tem o mesmo dever que um paisano qualquer de acatar a autoridade civil. O facto frequentemente registrado de desacato á autoridade policial, por parte de indignos soldados, justificaria melhor a expulsão desses immundos individuos e entrega immediata á polícia, do que o desvirtuamento da sublime missão do oficial do exercito.

O Exmo. Snr. Ministro da Guerra, logo em começo de sua administração, tomou a feliz e patriótica resolução de acabar com esses serviços. Foi uma nota alegre recebida com grande sympathy no corpo de officiaes.

Infelizmente o mau fado que persegue as nossas coisas publicas fez com que resurgissem esses serviços deploraveis, cremos até que sem nenhuma ordem ministerial a respeito.

O soldado indigno que vae fazer desordens nas ruas ou nos lupanares, sujando a farda de defensor da Patria, só deve merecer das autoridades militares a expulsão do exercito e immediata entrega á polícia, e nunca pequenas represões correccionaes que o collocam em situação privilegiada em relação ao seu imundo proximo civil, que soffre frequentemente castigos mais pesados. E esta protecção aos desclassificados do exercito é além de tudo um estimulante magnifico para o voluntariado dos legitimos representantes da sujidade humana.

Está ahí em que redundo o nosso actual sistema de desvirtuamento da profissão militar.

Ao lado desses serviços ha outros que, se não humilham, conservam entretanto todos os caracteres de parasitarios, tomando inutilmente o tempo precioso do official da tropa.

Para não ir mais longe apontando cogumelos já enkystados pela rotina nas viscerae do exercito, citaremos um de menos remota criação — o serviço de dia á Divisão — dado pelos officiaes subalternos arregimentados nos corpos da Capital da Republica.

Nenhuma necessidade digna de menção pôde ser citada em favor da permanencia desse serviço como é feito actualmente, pois, mesmo que se o considere necessário, ha meios de resolver o problema sem o sacrificio da instrucção e dos subalternos da tropa. Estes são duplamente sacrificados, em primeiro logar por perderem inutilmente o seu tempo a servirem de estação intermediaria de ordens e recados sobre serviços secundarios, e em segundo logar porque esse sacrificio se extende até o ponto de vista pecuniario, consideração esta que não é de desprezar em se tratando de officiaes geralmente pobres e paes de numerosa familia, pois que os subalternos de hoje estão em sua maioria na idade com que os chefes, tambem de hoje, sahiram coroneis e generaes. Cada subalterno, a julgar pelo nosso caso, dá na média dois dias á Divisão, por mez, e é obrigado a alimentar-se por conta propria em algum *restaurant* das proximidades, gastando, por muito sobrio, 3\$500 em cada refeição, ou sejam 7\$000 em cada serviço nos dias em que não ha expediente, sem incluir neste calculo a ceia ou outra qualquer refeição extraordinaria.

O serviço de transmissão de recados ou ordens, geralmente importados e exportados por telephone, pôde bem dispensar a acção catalyptica do official de dia á Divisão. As outras pequenas providencias que lhe competem pôdem ser tomadas com vantagem pelo official de dia de um dos corpos aquartelados no centro da cidade, sem que isto represente sobrecarga de serviço para esse official, porque, em ultima analyse, é sempre elle quem resolve a pendenga, não sendo o official de dia á Divisão senão um simples vehiculo de ordens.

Nós poderíamos argumentar mostrando a injustiça que ha em se fazer com que o subalterno arregimentado, que trabalha na instrucção o dia inteiro, que faz dois ou trez inqueritos policiais por mez; que escreve termos de exame e conselhos de investigação; que toma parte em conselhos de guerra e dá semanalmente um dia ao regimento... a injustiça, dizíamos, que ha em se fazer com que esse official receba como recompensa a sobrecarga de um serviço numa repartição onde trabalham algumas duzias de officiaes que entram ao aprumar do meio dia e um torno de horas depois já estão livres da faina.

Realmente este argumento plantado numa bôa consciencia havia de criar raizes mais ou menos profundas, mas faria parecer que é nossa intenção insinuar a applicação da pimenta... no outro.

Não, o serviço é desnecessario, e como tal não deve ocupar nem o homem da forja, nem o do escriptorio.

Ninguem de con ciencia limpa será capaz de attribuir-nos o leviano desejo de fazer recriminações pessoaes, pois se alguma amargura resumbra nestas linhas, só pôde ser dirigida á entidade

impessoal da rotina que mantem as coisas públicas no Brazil, cada vez mais distanciadas do bom senso.

E não é facil tarefa destruir a rotina, porque ella, além do peso da inercia, tem os sete folegos do gato.

Só assim se explica o estarem ainda vivos certos serviços parasitários tão rudemente feridos de morte pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra, no inicio de sua administração.

Brazilio Taborda

Subsídio para o anno de instrucción

Instrucción Pratica — de um livro do commandante Royé.

V

B — Exercicios preparatorios.

Exercicio n. 3

(Continuação e conclusão dos precedentes)

Situação — a mesma.

Objecto — o mesmo.

Estudo — das disposições tomadas: a) em presença de lances successivos do adversário, protegidos pelo proprio fogo, entre 900 e 800 metros; b) deante de um grupo que executa uma infiltração (800 m.) para vir ocupar uma sébe e que em seguida faz um lance.

Organisação — Dispor os objectivos de modo a representar os lances alternados dos grupos *P* e *S* que se protegem mutuamente pelo fogo:

1º o objectivo *P*, aterrado, se torna em *R* e o objectivo *S* em *U*;

2º a 100 metros na frente: um grupo em pé, *F*, que aterrado se torna em *K* e outro tambem em pé, *L*, que aterrado se torna em *N* (croquis 1);

3º uma infiltração *V*;

4º um grupo deitado atraç da sébe *X*;

5º um grupo em pé *Y* na frente da sébe (croquis 2).

Convenções — No começo do exercicio, vê-se *R* e *U*, que não são senão *P* e *S* aterrados.

1º *signal* — Fazer desaparecer *R* e aparecer *P* cerca de 15 segundos; fazer desaparecer *P* e simultaneamente aparecer *F* 15 segundos de fogo; fazer desaparecer *F* e aparecer *K* que atira; desde que *K* abriu o fogo, isto é, 15 segundos depois de aterrado, a mesma apparição e desaparição com o objectivo *U* que acaba por se tornar *N*.

Estas operações, mesmo realizadas com

objectivos de madeira darão a illusão das operações seguintes:

1º — *Lance de P protegido pelo fogo de U* — o grupo *P*, que atirava e era *R*, torna-se *F* enquanto avança e *K* depois de aterrado.

2. — *Lance de S protegido pelo fogo de K* — o grupo *S*, que atirava e era *U*, torna-se *L* quando em movimento e *N* quando aterrado.

2. *signal* — Vê-se *K* e *N* que atiram; fazer desaparecer progressivamente *N* e representar a infiltração (duração 1 minuto e 30 segundos) para a sébe; ao terminar a infiltração fazer aparecer *X*; um momento depois fazer aparecer *Y*.

Estas apparições e desapparições representam o movimento de *N* protegido pelo fogo de *K*; o grupo *N* que é *L* aterrado se infiltra sobre a sébe onde se abriga *X*; depois de reunido e organizado dá bruscamente um lance *Y*.

Situações successivas—Disposições tomadas

ENSINAMENTOS

Quarta — Movimento alternado dos grupos *P* e *S* tal como está explicado na organisação do exercicio.

O chefe do grupo ainda foi tentado a atirar sobre *U*, mais visivel do que *R*, mas não o fez e ficou attento. Em seguida durante os lances de *P* e *S*, ataca-os a tempo com todo o grupo.

A lição produziu fructos. O ataque oportunuo aos *grupos perigosos*, conforme as prescripções expendidas, demonstra-o.

Evidentemente a operação é delicada e exige um *preparo* sério.

O ideal seria, na situação que se estuda, deter instantaneamente todo o grupo que tenta o movimento. Isto seria simplesmente desmoralisante para o inimigo.

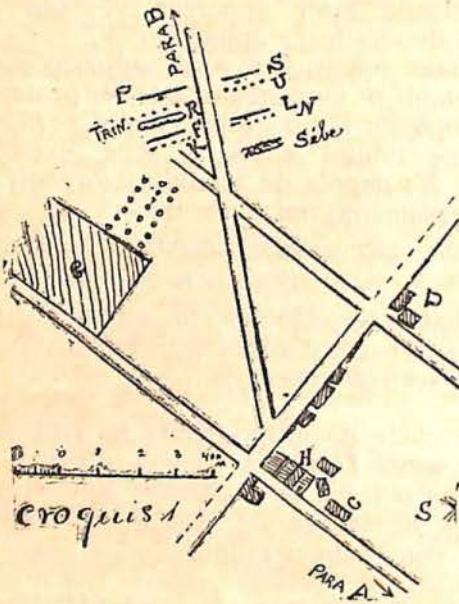
Todavia é o que talvez não se conseguia em combate. Aliás, nada impede de se ensaiar, no tempo de paz, tal natureza de fogo. O que não é possivel é se atirar ao azar sobre o que se vê e o que nos tenta ou "deixar que os homens atirem onde elles queiram" como propõe um espectador. E a concentração do fogo que o momento exige?

Quinta — Protegido pelo fogo de *K*, *N* ganha a sébe por infiltração, ahi aterra *X* sahindo depois bruscamente *Y*.

O chefe do grupo abre um fogo á

vontade, de um minuto, sobre a infiltração. Depois atira sobre o objectivo Y. Fal-o, entretanto, surprehendido pela sua *inesperada* (!) saída da sébe. Por isso ataca com retardo.

O fogo sobre a infiltração não se impunha. A marcha homem à homem prova bem a dificuldade com que o adversário avança. De outro modo, enquanto elle assim progride *perde tempo* — faz o jogo do adversário. Aliás o fogo sobre tal objectivo é de desperdício de munição. No polígono o seu resultado seria nullo.



Quanto ao fogo sobre Y ao sahir do coberto foi apropriado. Comtudo foi tardio, isto porque não foi *preparado* pelo chefe. Devia ser um fogo de espera e revelou-se imprevisto.

O chefe do grupo devia ter deixado attento á sébe parte do seu grupo e comandar, por exemplo: "Tal secção, attenção á sébe! — alça 700 ms.! — fogo á vontade!"

No momento em que o inimigo apparecesse (apresentando-se em bloco e não homem à homem) apenas o chefe daria a voz de "Fogo!".

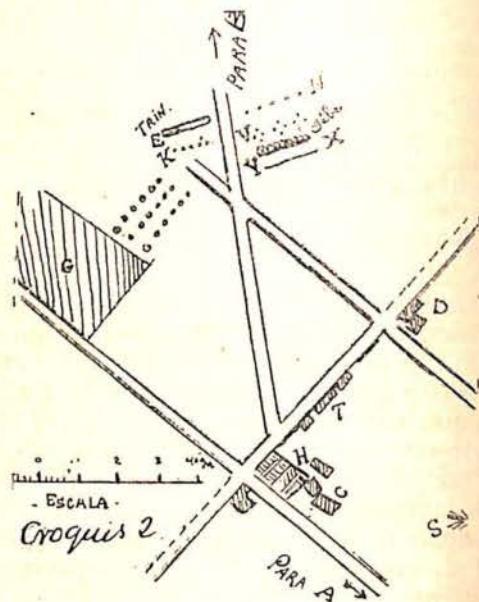
Então o director sugeriu a seguinte questão: "Seria preciso atirar sobre a sébe que cobria o inimigo?"

Em principio não. O grupo estando na defensiva deve retardar os grupos que avançam. No caso actual o fogo sobre a sébe seria *tolerado*.

Não havendo no sector senão um grupo

aterrado (K), um fogo de pouca intensidade poderia ser aberto sobre a sébe. Seria um fogo inquietador e que perturbaria as disposições do lançamento para fóra do coberto.

Se a missão fosse offensiva o mesmo não se diria. Talvez se tornasse inevitável o fogo sobre a sébe. Esta observação cabe ao caso do inimigo aterrado na trincheira, no exercicio precedente. Então o resultado material não seria como se tratando da sébe (simples coberto) mas podia-se contar com o *eфfeto moral*.



Em uma palavra, na *offensiva* não se atirar sobre este grupo seria deixá-lo atirar livremente; garfeal-o seria perturbar os atiradores, diminuir o valor do seu tiro e por conseguinte facilitar o movimento próprio e o dos grupos vizinhos.

O objectivo não seria *seductor*. Paciencia. Na guerra como em outras situações, é preciso que nos contentemos com o que se encontra.

Os graduados encarregados de observar os atiradores assinalaram algumas faltas das que já estudamos; por isso não insistimos.

O mesmo não se dá com os sargentos. A sua attitude é digna de nota.

Ficaram a maior parte do tempo *inertes* á rectaguarda de suas secções. O director, frequentemente, chiamou-lhe a attenção para os artigos do regulamento que lhe dizem respeito.

Terminando, o director recapitula o

que ensinou sobre as situações estudadas. Preconisa, na *offensiva*, o fogo sobre os grupos que *atiram*; na *defensiva*, sobre os que *avançam*. Assegura que estes *princípios não são absolutos*. O movimento do adversário na *offensiva* pôde ser mais perigoso que seu fogo; assim como, o seu fogo na *defensiva* mais perigoso que seu movimento.

Ainda uma vez, o combate *não comporta regras fixas*. A cada situação um caso particular. E' preciso reflectir e raciocinar constantemente. Nunca esquecer que *o fogo não é senão um meio*. Jamais atirar por qualquer motivo. Desconfiar das *seduções* de certos objectivos. Perguntar sempre: "De que se trata?"

Mario Travassos.

ARMA DE ENGENHARIA

X

Na guerra que ora ensanguenta o planeta, duas armas conquistaram a primazia: artilharia e engenharia.

Ambas numa cooperação até então nunca realizada em campo raso, passaram a determinar as oscilações nas linhas de contacto dos exercitos.

A artilharia, em acção de carácter defensivo, pela precisão e intensidade de seus efeitos não permite ao inimigo saltar fóra de seus entrincheiramentos; pelos seus tiros de *barrage* demarca na campanha a fronteira, a qual o inimigo jamais poderá transpor.

A engenharia, responde á pergunta: como avançar então?

Tomou principalmente o carácter ofensivo e é intra e sub-solo, abrigado das vistas e dos projectis inimigos, que o exercito avança, aproveitando-se dos trabalhos de sapa e dos efeitos das minas. Estas, ao explodirem, produzem as escavações, verdadeiras crateras, que vão delinear a nova linha avançada de trincheiras de prompto ocupadas pela infantaria que avança.

A acção commum das duas armas era normal nas antigas guerras de sitio, mas em campo raso, pela primeira vez, tão nitidamente se desenhou.

Bem assim, outro ensinamento valioso nos vem trazer o actual conflito: a falencia da actual fortificação permanente.

Na secular luta entre a couraça e o canhão, este conquistou assombrosa victoria, zombando hoje de tal forma das fortalezas que muitas destas em poucas horas foram conquistadas. A Belgica é um attestado.

E nem se diga que foram as grandes massas os factores deste resultado: os fortes fendidos ao meio, as cupolas couraçadas em estilhaços ou desequilibradas em seus alicerces, são a prova irrefutável da victoria do canhão.

E' principalmente a frente occidental que nos traz estes ensinamentos que não devemos desprezar.

Desde já, não através de telegrammas phantasiados, mas de comunicados officiaes e relatos de revistas idoneas da guerra, que as ha em profusão, devemos ir acompanhando o evoluir da arte.

Muito embora, completamente diferentes devam ser nossas provaveis acções guerreiras em sua concepção, seu arcabouço e seu theatro, muitos desses ensinamentos nos serão uteis.

A guerra, de ha muito classificada como arte, vae aos poucos conquistando fóros de sciencia, perniittindo em larga escala a previsão.

Por isto, já em 1893 o tenente-coronel de engenharia de França Duval-Laguerey em folheto intitulado — «*Étude sur le service des troupes de génie*» — previu perfeitamente a importancia que em futura guerra caberia á engenharia, dizendo:

“Aujourd’hui que les travaux de toute nature à exiger des troupes de génie dans les marches, et surtout dans les combats, paraissent devoir prendre une extension qu’ils n’ont jamais eue, etc.”

São principalmente referentes á artilharia e á engenharia os novos ensinamentos

A' ultima, ainda entre nós ensaiando os primeiros passos, compete tirar o maximo proveito.

Occasião mais azada para nossa organisação e instrucção, como a que se vae seguir ao término da actual luta, não se poderia apresentar.

O melhor criterio, porém, para realizar-se esse estudo não será d'aqui, através de leituras; uma inspecção de *visu* e *in loco* — eis o caminho seguro.

2º Tenente de Engenharia Arthur J. Pamphiro

* * Art. 7.º dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.

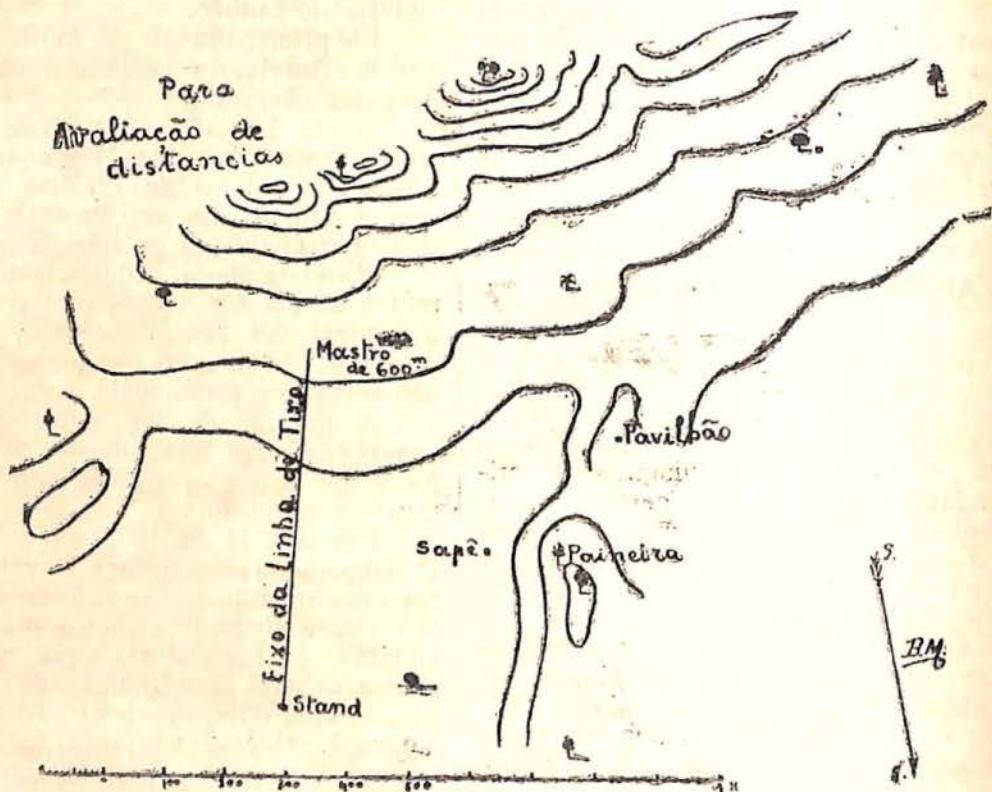
Avaliação de distâncias

Ainda trago hoje, com o presente numero da *A Defesa Nacional*, mais um croquis para exercício de avaliação de distâncias. Agora, porém, em vez de um com distâncias previamente medidas, offereço um exemplar trazendo sómente a escala como auxílio.

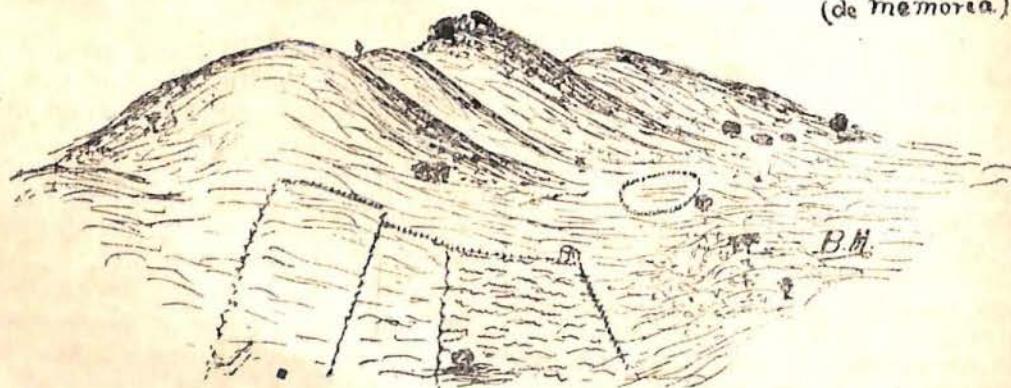
Aliás, alguém já me havia ponderado, e com muita razão, que os croquis trazendo as escalas

têm a grande vantagem de servir aos graduados na aprendizagem elementar da leitura e identificação das cartas. E o presente oferece a maior simplicidade; é, além disso, de uma zona onde constantemente fazem exercícios os corpos aquartelados na Villa — a linha de tiro.

Receio, entretanto, que um ou outro encontre dificuldades em proceder à identificação. E como qualquer erro neste sentido só pode ser prejudicial à instrução, o croquis junto vai acompanhado de um esboço panorâmico destinado exactamente à referida identificação.



Esboço Panorâmico
(de memória)



O Fusil Mauser M. 1908

Nomenclatura do fusil — Projecto de instruções para o seu uso

CAPITULO III

(Continuação)

REGISTRO DO ARMAMENTO

Em additamento ao capitulo III e para completar as observações feitas nas palavras de introdução do presente trabalho, julgamos opportuno aqui annexar um modelo de mappa destinado ao registro do armamento nas companhias, esquadrões ou baterias dos corpos de tropa. O mappa deverá ser trimensal e conterá todas as alterações que nesse periodo ocorrerem com as armas em serviço. Elle será escripturado em um livro proprio, annualmente archivado após a ultima visita da commissão de revisão.

REGISTRO DO ARMAMENTO

1º Trimestre de 191 . .

..... Regimento. Batalhão. Companhia.

| Número da arma | Data da entrada na Companhia | Número de tiros dados | | | Total dos disparos | Observações |
|----------------|------------------------------|------------------------|---------|-----------|--------------------|-------------|
| | | Calibre com que entrou | Janeiro | Fevereiro | Março | |
| | | | | | | |

Na primeira columna serão inscriptas as armas, pelo numero, na segunda a data em que foram distribuidas á companhia (bateria ou esquadro), na terceira o calibre com que ahi deram entrada. A quarta, a quinta, a sexta e a setima columnas, destinam-se, respectivamente, ao lançamento dos tiros dados no primeiro, no segundo e no terceiro mez do trimestre, e á somma delles no fim do periodo. A oitava columna conterá o total dos disparos de cada arma, desde a época de sua chegada á companhia. Na casa *Observações* serão contempladas todas as particularidades que interessem á arma, como concertos ou reparações soffridas, anomalias que ella porventura apresente, dados sobre o fechamento (com os calibres de camara, minimo normal e maximo), indicações colhidas no tiro quanto á justezza, etc.

A^a commissão de revisão compete fornecer as informações referentes ao calibre de fabricação com que as armas são distribuidas e ao exame do fechamento, bem como indicar as pro-

videncias a tomar em caso de necessidade, nello incluida a substituição do cano.

A este propósito, seja-nos consentido apresentar algumas reflexões acerca do calibre de tropa ou seja o calibre maximo tolerado nas armas em serviço. Tanto quanto nos permitte o conhecimento do actual armamento, parece-nos que, em quanto os canos não se deixarem totalmente percorrer pelas sondas superiores a 7,10mm. de diametro, elle se conserva apto para as condições do tiro de guerra, e ainda com elles compativel para profundidades de penetração, pela boca e pela camara, de 400 mm e 10 mm respectivamente, com o calibrador de 7,12 mm. O calibre normal do fusil allemão é de 7 9 mm. e o calibre de tropa regulamentar, de 8,1 mm. com um afastamento, portanto, de 0,2 mm.

Salvo engano de nossa parte, o fusil Mauser hespanhol do mesmo calibre do nosso, tem como calibre de tolerancia na tropa o algarismo por nós apontado (7,10 mm.)

Seja como fôr, a uma commissão technica cabe fixar definitivamente tal ponto, pelo exame da variação de justezza da arma com a marcha parallela do gasto do cano, dentro dos limites de efficacia dos fogos de combate.

TABELLA DAS ALTURAS DE ALÇA

| | |
|--|------------|
| Altura do ponto de mira sobre o eixo da alma | 22,90 m/m. |
| Altura da charneira da alça sobre o eixo da alma | 17,30 » |

| Distancia | Altura da alça sobre o eixo da alma | Altura da alça sobre o ponto de mira | Comprimento da linha de mira |
|-----------|-------------------------------------|--------------------------------------|------------------------------|
| m. | mm. | mm. | mm. |
| 300 | 23.80 | 0.90 | 654.3 |
| 400 | 24.40 | 1.50 | 654.3 |
| 500 | 25.07 | 2.17 | 654.2 |
| 600 | 25.83 | 2.93 | 654.1 |
| 700 | 26.70 | 3.80 | 653.9 |
| 800 | 27.70 | 4.80 | 653.8 |
| 900 | 28.85 | 5.95 | 653.6 |
| 1000 | 30.17 | 7.27 | 653.4 |
| 1100 | 31.00 | 8.76 | 653.1 |
| 1200 | 33.36 | 10.46 | 652.8 |
| 1300 | 35.29 | 12.39 | 652.3 |
| 1400 | 37.48 | 14.58 | 651.8 |
| 1500 | 39.96 | 17.06 | 651.1 |
| 1600 | 42.76 | 19.86 | 650.2 |
| 1700 | 45.89 | 22.99 | 649.0 |
| 1800 | 49.36 | 26.46 | 647.5 |
| 1900 | 53.18 | 30.28 | 645.9 |
| 2000 | 57.36 | 36.46 | 643.2 |

DADOS NUMERICOS DO FUSIL E SUA MUNIÇÃO

(Dimensões em m/m, peso em gr.)

| | |
|--------------------------------------|-------------|
| Comprimento, sem o sabre-punhal... | 1250 |
| » com » » » ... | 1280 |
| Peso, sem o sabre punhal | 4100 |
| » total | 4700 |
| Comprimento do cano..... | 740 |
| » da parte raiada..... | 670.45 |
| » » camara | 69.55 |
| Espaço não forçado | 9±3 |
| Calibre normal | 7.00 |
| » minimo (tolerancia)..... | 6.99 |
| » maximo (»)..... | 7.06 |
| Numero de raias | 4 |
| Largura das raias | 4 |
| Profundidade | 0.15 |
| Passo em milímetros..... | 220 |
| » » calibres..... | 31.43 |
| Angulo de inclinação..... | 5° 40' 19" |
| Sentido do raiamento | à direita |
| Perfil | concentrico |
| Numero total de peças competentes .. | 67 |

SABRE-PUNHAL

| | |
|-------------------------------------|-------|
| Comprimento total..... | 432.7 |
| » da lâmina..... | 300.0 |
| Peso com bainha | 560 |
| Numero de peças do sabre completo.. | 22 |

MUNIÇÃO

| | |
|------------------------------|---------|
| Comprimento do cartucho..... | 78.-05 |
| » estojo | 57.-05 |
| » da bala | 29.8+05 |
| Peso total do cartucho..... | 23.5 |
| » do estojo | 11.4 |
| » da bala | 9.+01 |
| Densidade transversal..... | 3.12 |
| Peso da carga..... | 10 |
| » do carregador..... | |

DADOS BALISTICOS

| | |
|---|-----------|
| Velocidade restante a 25 m..... | 874 m/s |
| » inicial..... | 890 m/s |
| Angulo de vibração..... | — |
| Coefficiente balístico..... | — |
| Pressão dos gases | 3047 atm. |
| Velocidade de rotação do projectil na bocca da arma | 4050 /s |
| Força viva do projectil na bocca da arma | 365 km. |
| Recuo | 2. |
| Alcance maximo superior a..... | 3000 m. |

DADOS NUMERICOS DO MOSQUETÃO

| | |
|---------------------------|------------|
| Comprimento | 960 |
| Peso | 3100 |
| Comprimento do cano | 456 |
| » da parte raiada | 386.45 |
| » » camara | 69.55 |
| Espaço não forçado..... | 9±3 |
| Passo em milímetros..... | 220 |
| » » calibres | 31.43 |
| Angulo de inclinação..... | 5° 40' 19" |

DADOS BALISTICOS

| | |
|-------------------------|-----|
| Velocidade a 25 m..... | 835 |
| » inicial..... | 850 |
| Angulo de vibração..... | — |

NOTA SOBRE O MOSQUETÃO

183. O mosquetão Mauser regulamentar modelo 1908 comprehende as mesmas divisões que o fusil, do qual differe principalmente pelo menor comprimento do cano; donde, para as duas armas, que possuem identico calibre e atiram a mesma munição, divergencias no ponto de vista das propriedades balísticas.

Os pontos em que o mosquetão se afasta do fusil vão, por ordem, annotados:

Cano e appare!ho de pontaria

184. *Cano.* De menor comprimento que o do fusil é, como este, formado pelo mesmo numero de secções. A secção média posterior recebe o supporte da alça e a anterior o dispositivo da alça de mola, como no fusil.

185. *Apparelho de pontaria.* O supporte, a mola e a lâmina da alça têm dimensões menores que no fusil. A graduação vai de 200 m. (distancia do ponto em branco) até 1400 m e parcella-se igualmente em duas séries de numeros, à esquerda impares (3, 7, 9, 11, 13) e pares à direita (2, 4, 6, 8, 10, 12, 14). O cursor é provido de um unico detentor, com cabeça serrilhada, à direita.

Mecanismo da culatra

186. A alavanca do cylindro é recurvada para baixo, em lugar de ser recta, como no fusil.

Coronha e telha

187. São de menor comprimento, harmonico com o do cano.

Guarnições

188. Não existe a mola da braçadeira superior, que é fixada à coronha por um pino-parafuso.

Accessorios

186. A bandoleira é mais curta que a do fusil.

190. As prescripções para o manejo, funcionamento, desmontagem, montagem, conservação e limpeza do fusil, são extensíveis ao mosquetão.

Quadro A

| | | | |
|------------------------------|--------------------------------|--|---|
| Cano e apparelho de pontaria | Externamente . . . | secção anterior secção média anterior secção média posterior | parte cylindrica parte tronco-conica |
| | | | |
| | | secção posterior ou culatra | faxa rosca |
| | | | |
| | Internamente . . . (alma) | parte raiada . . . | bocca da arma raias |
| | | | |
| | | camara . . . | cheios calibre forçamento alojamento do estojo alojamento do projectil abertura da culatra |
| | | | |
| | Alça | supporte . . . | tubo montantes orelhas guias do cursor alojamento da mola batentes da lâmina parafusos de fixação |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | Apparelho de pontaria . . . | lamina . . . | entalhe de mira graduação linhas de fé engrazadores talão |
| | | | |
| | | mola | mangas de articulação pino de segurança |
| | | | |
| | | cursor | rebindo de ajustamento rebaixo de ajustamento |
| | | | |
| | Maça de mira . . . | pé vertice de mira annel embasamento parafuso de fixação | corpo detentores mola dos detentores |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

Quadro B

| | | |
|----------------------|-------------------------|--|
| Parte anterior . . . | Internamente | porca do cano alojamento dos travadores contrafortes rampa de acesso do cartucho |
| | | |
| Corpo | Externamente | resalto de transmissão do recuo porca do parafuso da ponta do deposito |
| | | |
| Ponte | Externamente | abertura de carregamento rebaixo de carregamento |
| | | |
| Cauda | Internamente | passagem do cartucho corrediças dos travadores |
| | | |
| Cauda | Internamente | corrediça da nervura-guia do ferrolho alojamento do travador de segurança passagens do retém do ferrolho |
| | | |
| Cauda | Externamente | receptor do carregador suporte do retém do ferrolho recorte-guia da alavanca |
| | | |
| Cauda | Superiormente | corrediça do reforço do cylindro corrediça do resalto da nóz orificio do dente do gatilho |
| | | |
| | Inferiormente | anilho porca do parafuso da cauda do deposito |
| | | |



Quadro C

| | | | |
|----------|------------------------------------|--|--|
| Ferrolo. | Cylindro | Cabeça | alojamento do culote do cartucho orificio do percussor travadores de fechamento ranhura do dente do extractor |
| | | Corpo | ranhura do anel do extractor orificios de escapamento nervura-guia do ferrolho travador de segurança |
| | | Reforço | entalhe de segurança entalhe de disparo |
| | | Alavanca | botão espherico pé da alavanca |
| | | Internamente | alojamento do percussor porca do receptor-guia do cão |
| | Extractor | garra dente | |
| | | encaixe da presilha do anel cauda talão annel do extractor com presilha | |
| | Percussor. . . . | ponta resalto | |
| | | filetes da cauda mola | |
| | Cão | furo da cauda do percussor alojamento dos filetes do percussor nóz talão da nóz resalto da nóz | |
| | | rosca furo do percussor alojamento do cão com a corrediça da nóz alojamento de segurança alojamento do reforço do cylindro alojamento do retém mola do retém | |
| | Receptor - guia do cão | dente haste | |
| | | disco. | chanfro entalhe |
| | Registro de se- gurança | aza | |
| | | dente do retém fenda do ejector fulcro ejector mola dupla pino de articulação | |
| | Corpo. | dente do gatilho rasgo da tecla alojamento da mola pino de articulação | |
| | | escóra resaltos de pressão cauda pino de articulação | |
| | Mola | | |
| | Gatilho. | | |

Quadro D

| | |
|--------------------|--|
| Ddeposito. | ponta bico furo do parafuso da ponta do deposito encaixe do resalto do fundo do deposito alojamento do retém do fundo do deposito ranhura dos linguetes do fundo do deposito escóra cauda rasgo da passagem da tecla guarda-matto furo do parafuso da cauda |
| Fundo do deposito. | linguetes resalto dispositivo de sujeição da mola do transportador retém mola do retém pino de segurança |
| Transportador . . | nervura distribuidora dispositivo de sujeição da mola mola |

Quadro E

| | |
|------------------------|---|
| Fuste . . | calha do cano rebaixo do escudete do fuste canal da vareta rebaixo da braçadeira inferior encaixes das molas das braçadeiras encaixe do batente da vareta alojamento da caixa da culatra encaixe do para-choque alojamento do deposito furos dos parafusos do deposito abertura da tecla do gatilho |
| Delgado - apoio de mão | |
| Couce . . | encaixe da placa de inscrição encaixe do pé do grampo da bandoleira soleira bico talão |
| Telha | abertura da alça mola rebaixo da braçadeira inferior |

Quadro F

| | |
|------------|---|
| Guarnições | Escudete do fuste, com a presilha do sabre e o pino de fixação Braçadeira superior com gancho Braçadeira inferior, com zorelho Mola da braçadeira superior Mola da braçadeira inferior Batente da vareta Para-choque da coronha Parafuso da ponta do deposito, com um contra-parafuso Parafuso da cauda do deposito, com um contra-parafuso e um tubo de passagem Placa de inscrição com um parafuso Pé do grampo da bandoleira, com 2 parafusos Chapa da soleira, com 2 parafusos |
|------------|---|

Quadro G

| | |
|--------------|---|
| Sabre-punhal | Punho . . . { ranhura do encaixe retém Pomo . . . { espiga Placas de madeira |
| Sabre . . | Cruzeta . . { ramo curto alvado Lamina . . { faces chanfros gume dorso talão ponta |
| Bainha . . | Bocal . . . { atilho gancho mola Ponta de couro |
| | Ponteira . . { atilhos botão |

Quadro H

| | |
|-------------|--|
| Accessórios | Bandoleira . . . { fitela grampo botão duplo colchete Vareta { porca rasgo rosca Cobre-mira . . { dedal appendice com garra mola Guarda-fechos |
|-------------|--|

Quadro I

Munição

| | | | |
|----------------------------|--------------------|--|--|
| Cartucho de guerra. | estojo | gargalo adoçamento corpo culote | ranhura de extração alojamento da capsula bigorna eventos |
| | carga | | |
| | bala | | nucleo camisa |
| | capsula | | superficie de forçamento ogiva |
| Falso-cartucho. | estojo sem carga | | |
| | bala | | |
| | capsula sem carga | | |
| Cartucho de festim. | estojo | | |
| | carga | | |
| | tacos de papelão | | |
| Cartucho de tiro reduzido. | estojo | | |
| | carga | | |
| | balim espherico | | |
| Carregador | estojo | | |
| | carga | | |
| | lamina | | |
| | mola com linguetas | | |
| | retém | | |

Questões á margem Das «Cartas» de Griepenkerl

(Continuação)

L. Destruição de ponte

Decima sexta carta, primeira pagina, começo: "... destruirá a ponte da estrada de ferro..."

O que a respeito se encontra no regulamento allemão do serviço de sapa para todas as armas, no capítulo "Destruções a explosivo" está publicado no n. 30 desta Revista, pag. 201.

II. Posição de espreita e de espera

Decima oitava carta, pag. 269, linha 7. a começar de baixo: "Posição de espreita ou de espera. (R. E. A. 423)." Diz o citado artigo:

423. (Capítulo approximação e ocupação da posição). Se as baterias não devem entrar imediatamente no combate elas ficam *em espera, de armões engatados* (340) ou *ocupam posição de espreita* (337). Muitas vezes empregam-se as duas espécies de situação ao mesmo tempo.

337. A bateria acha-se em espreita ou em vigilância quando está prompta para romper fogo e em situação de poder, sem ser notada, aguardar para isso um momento opportuno.

Em regra as posições cobertas servem para espreita. Muitas vezes também será possível ocultar as peças atraz de orlas de matto, em campos de cereaes, atraz de edificios, etc. As circunstancias decidirão se antes do rompimento do fogo será necessário deslocar as peças ou não.

O commando *"Em espreita!"* significa para a bateria, que deve ser cuidadosamente evitado tudo quanto possa chamar a atenção do inimigo.

Muitas vezes será de especial importância que a posição de espreita esteja ao abrigo de reconhecimento por via aerea. Se a cobertura natural do terreno não offerecer tal abrigo, será preciso cobrir as peças com barracas, ramagens, etc. Ao approximar-se uma aeronave o pessoal desabrigado deve permanecer immovel.

Pôde convir que os armões fiquem proximos ás peças até que se esclareça a situação.

340. Se a bateria não deve ainda ocupar posição, ella pôde ficar em *espera*, armões engatados, desenfiada ás vistas. A distancia da posição de espera á de fogo e a formação a tomar dependem do terreno e da missão provável.

LII. Mudança de posição

Decima oitava carta, pag. 270, linha 2^a e 3^a: "Bom será que uma *única* posição preencha todas essas condições."

A palavra *gryphada* mostra bem qual é o espirito dessa proposição: inconveniencia das mudanças de posição da artilharia. Essa inconveniencia é dupla: durante toda a mudança cessa a artilharia de agir sobre o inimigo e aumenta a sua vulnerabilidade. Artilharia em accionamento e em movimento é sempre um objectivo cubiçado, rendoso.

Diz o R. E. A. no capítulo "Mudança de posição":

464. Mudar de posição é interromper a efficacia e em terreno descoberto pôde acarretar graves perdas. Só se deve emprehendê-lo si a situação tactica o impuser.

O momento da mudança deve ser escolhido de tal modo que a infantaria não seja privada do apoio da artilharia, justamente em occasião critica.

(Vide "O Combate" pag. 124).

LIII. Precedencia dos objectivos

No mesmo logar acima indicado cítase o art. 432 do R. E. A. allemão. Esse artigo trata da escolha dos objectivos para a artilharia. O criterio para essa escolha, isto é, para a precedencia dos objectivos decorre necessaria e simplesmente do principio fundamental da arma, expresso da seguinte forma no citado R., art.:

364. A missão principal da artilharia de campanha é o mais eficaz apoio à infantaria.

Sua actividade no combate é inseparável, no tempo e no espaço, da da infantaria.

Por principio ella deve sempre combater os objectivos mais perigosos para a infantaria.

432. Para a escolha dos objectivos a regra é proporcionar o mais eficaz apoio á infantaria.

Se isto se realisa combatendo a infantaria inimiga ou sua artilharia ou impedindo pelo menos que esta volte toda a sua potencia contra a nossa infantaria, é a situação que decideia. Em geral, no inicio do combate o objectivo será a artilharia inimiga; quanto mais diminue a distancia das duas infantarias tanto mais deve preponderar o fogo contra a infantarias inimiga.

432 a.

A escolha dos objectivos depende além disso da especie de artilharia de que se dispõe (pesada ou leve). Por principio deve-se tratar de tornar quanto antes disponivel a massa da artilharia leve para combater a infantaria.

LIV. Mudança de objectivo

A questão precedente envolve esta outra. Eis como a define o R. E. A. allemão:

430. ... No grupo é o seu commandante quem ordena as mudanças de objectivo, comunicando-o ás baterias interessadas.

Frequente mudança de objectivo é nociva á efficacia...

431. ... É dever do commandante de bateria tomar a iniciativa de mudar de objectivo em caso de perigo imminente.

Além disso elle pôde fazê-lo quando tiver uma oportunidade breve para alcançar grande efficacia. Elle deve participar toda mudança de objectivo effectuada por sua iniciativa.

Convém completar a questão com o que preceitúa o R. T. A. brazileiro.

137. Sendo frequente, essa mudança (de objectivo) prejudica a efficacia; por isso as baterias não devem ser desviadas de seus objectivos antes de preenchida a missão anterior. Se os capitães mudam de objectivo por iniciativa propria, deve o commandante do grupo velar por que o novo objectivo não attraia maior numero de baterias que o necessário; segundo as circunstancias, elle ordenará imediatamente que algumas baterias voltem ao objectivo primitivo ou se calem.

LV. Esclarecimento de combate

Decima nona carta, pag. 277: "A cavalaria... avisar caso o adversario avance ao sul de Gravelotte com forças consideráveis (R. S. C. 132)."

132. No esclarecimento de combate participam todas as armas. Cabe á cavalaria a missão de descobrir o que se passa no flanco e na retaguarda do adversario, especialmente a extensão de suas alas, a collocação e o movimento de suas reservas e a eventual approximação de reforços. Tambem deve prestar attenção aos grandes espaços vazios da frente inimiga e fazer a ligação dos da frente amiga.

LVI. Leitura das declineas

Vigesima carta, pag. 290, no titulo do vigesimo thema: "Aconselho a que se empregue sómente a carta geral."

Ao passo que nas cartas topographicas, escala 1:25000, é empregada a representação da altimetria pelas curvas de nível (questão XIX, n. 25 desta Revista) na carta geral, 1:100000, é applicado o sistema das declineas, ou, pôde-se dizer, linhas de declive.

Eis como se reconhecem as diversas formas e declividades.

I — Quanto a intervallo, espessura e grandeza dos traços.

1. Quanto maiores os intervallos e mais finos os traços — menor a declividade.

Pôde-se avaliar a approximadamente comparando-a com uma escala de declives.

A' primeira vista o aspecto é este: quanto

mais escuro na carta tanto mais ingreme no terreno, quanto mais claro tanto mais leve a ondulação.

2. Declive uniforme — traços de espessura e comprimentos constantes.

3. Superficie concava — traços cada vez mais finos e mais compridos, da altura para a base.

4. Superficie convexa — traços de espessura crescente e cada vez mais curtos.

5. Superficie horizontal — em branco, isto é, ausencia de traços.

II — Quanto á convergencia dos traços.

1. Cume — espaço em branco, rodeado de traços divergentes.

2. Ba'xada — espaço em branco, rodeado de traços convergentes. E' assinalada por uma flecha.

3. Espinhaço — faixa em branco, ladeada de traços divergentes, ou logar da convergencia.

4. Valle — convergencia dos traços para a base.

Despenhadeiro — idem, em angulo agudo.

5. Garganta — espaço em branco rodeado de traços convergentes para alturas, em lados opostos e para baixadas tambem de lados oppostos.

6. Socalco — (degrão, superficie de nível) espaço em branco.

Nota — As linhas que cortam as declineas em angulo agudo têm menor declive que esses traços, tanto menor quanto mais o angulo se approxima do recto. As linhas que cortam as declineas em angulo recto são horizontaes.

Destruíções a explosivo (*)

(Conclusao)

Inutilisação de peças de artilharia

537. Não se podendo pôr em segurança peças conquistadas, deve-se destruir-as ou, se não houver explosivo à mão, pelo menos inutilisá-las por longo tempo.

538. O meio mais rapido e mais seguro de destruir o cano das peças consiste em meter uma carga explosiva na alma; porém os estilhaços serão arremegados n'um grande raio ao redor. Para limitar esse perigo, pôde-se simplesmente arrebentar o cano por meio de uma carga de 3 a 5 cartuchos collocada externamente na parte anterior ou na posterior, presa por meio de barbante, etc. Cada cartucho deve ter o maior contacto possível com o cano.

Para destruir simultaneamente varias peças, deve-se proceder á explosão sob commando (567).

539. Para inutilizar uma peça, mette-se um cartucho na parte média do eixo das rodas, ou no apparelho de elevação ou de direcção, ou no dispositivo de recuo; também basta retirar a culatra. Não se podendo retirá-la, trate-se de abri-la, amassar a rosca do parafuso de fechamento e retirar algumas peças da cunha. Se não se consegue abrir a culatra, destróe-se o dispositivo de disparo. Para essas destruições encontram-se machados e picaretas nas viaturas das baterias. Também é eficaz a damnificação do apparelho de pontaria nas suas roscas, a do dispositivo de recuo no berço e no cylindro de freio, empregando a ferramenta citada.

(*) Do «Annexo do R. do serviço de sapa em campanha, para todas as armas»: trabalhos de sapa a executar sómente pela cavallaria.

O arrancamento ou a destruição do apparelho de visada não inutiliza a peça, apenas difficulta seu emprego.

Para impedir a rapida substituição de certas peças do material é preciso retirar dos armões e mais viaturas, as sobrecorrentes.

Inutilisação de linhas telegraphicas e telephonicas

Complemento aos ns. 206 a 209

540. Para interromper uma linha é necessário uma patrulha de seis homens, pelo menos, e dois seguradores de cavallos.

Não se podendo derrubar os postes ou arrebental-os, é preciso cortar os fios. Para trepar no poste, passa-se a corda de forragem na roldana (**) (fig. 223) e prende-se esta, por meio de uma lança n'uma das travessas porta-isoladores. Se o poste fôr muito alto, emendam-se duas lanças. Iça-se em seguida um dos homens pela corda, tendo atado um pão no seu extremo, para servir de assento. Sendo fracos os fios, pôdem ser cortados do chão, prendendo-se numa vara uma tesoura de podar.

Inserir defeitos e occultalos

541. Consegue-se perturbar demoradamente o trafego, inserindo defeitos na linha e dissimulando-os. Por exemplo:

Desviar a linha para a terra.

Ligar entre si todas as linhas de um poste.

Interromper a continuidade metallica da linha.

Taes defeitos devem ser simultaneamente inseridos em diversos pontos e, quando possível, por diferentes modos.

Os lugares mais apropriados são aquelles em que a cobertura do terreno difficulta a inspecção visual da linha.

542. Para inserir um desvio de terra, um homem sóbe ao poste, levando uma lima, uma faca, uma espatula de madeira e um rolo de arame fino — de cobre ou de prata são os melhores —, limpa o fio junto a um isolador, de modo a descobrir o metal; ahí applica em algumas voltas apertadas o fio de cobre (ou prata) e o conduz, pelo isolador e seu suporte, ao longo do poste, nelle escondendo-o em fendas existentes ou praticadas à faca, bem calcado para dentro com a espatula de madeira, até a terra. Qualquer pedaço descoberto desse fio, por pequeno que seja, facilmente deixará achar o defeito, sobretudo com o brilho do sol.

Ao pé do poste enterra-se um pedaço de metal, em que se enrola algumas voltas do fio.

Se o terreno junto ao poste fôr secco, procure-se em sua proximidade um ponto humido, e até lá se conduz o fio em um rego. Coberto o pedaço de metal com algumas pás de terra, esta deve ser soccada e humedecida, melhor com urina.

Da mesma forma se procede nas linhas de fio nô.

Nas linhas de campanha, em geral suspensas em arvores, espeta-se um alfinete ou ponta metallica na capa isoladora, que fique em contacto com o fio metallico e ahí applica-se o desvio da terra.

543. A ligação de todas as linhas de um posto, umas ás outras, é executada por um homem com o mesmo apparelhamento. Primeiramente elle põe a nô todos os fios junto aos isoladores.

(**) As patrulhas de telegraphistas de cavallaria dispõem de apparelhos para subir nos postes (um para cada pé) com corda de segurança ou estribos-esporões.

Prende o fio de ligação em uma das linhas, e successivamente passa-o em todas, sempre dando diversas voltas em cada fio, e o reconduz á primeira. O fio deve ser invisivel, isto é, sempre conduzido pelos isoladores e seus supports.

544. Para interromper a continuidade metallica da linha, o operador é munido de um sarilho (*), um corta-arame ou uma torquez, ou uma lima, um alicate e um rolo de arame fino, bem como alguns pedacinhos de couro e barbante ennegrecido.

Com o sarilho elle estica o fio, prendendo a machina de um lado no poste, de outro no fio. Em seguida cõrta o fio e procede á emenda, isolando as duas pontas, por meio de couro ou outros isoladores, em toda a extensão da emenda. Esta deve ter o aspecto de uma verdadeira emenda de continuidade (fig. 261). A interrupção deve ser feita em todos os fios do mesmo pos e em todos no mesmo logar.

545. Em todos os trabalhos de inserção de defeitos a dissimilar, devem ser cuidadosamente apagados todos os vestígios, tanto no chão como nos postes.

O fio de arame e a ferramenta para esses trabalhos, encontram-se em geral com os guardas de linha ferrea ou de estrada de rodagem, bem como nas estações telegráficas.

(*) As patrulhas de telegraphistas de cavallaria dispõem de outro apparelho em logar do sarilho.

O cavallo de guerra

Do livro "Das Armeepferd" do general de cavallaria F. v. Damnitz, ex-inspector da remonta prussiana.

Reproductores particulares. Ao lado das coudelarias do Estado existem as particulares, constituindo em muitos paizes uma verdadeira industria. Nas províncias prussianas de remonta é muito limitada a acção dos reproductores particulares, ao passo que no Oldenburgo, na Frisia Oriental e em alguns paizes estrangeiros a criação basea-se quasi exclusivamente nesse sistema. Porém, por muito desenvolvidas que sejam as coudelarias estadoaes, elles não bastam e difficilmente poder-se-ia prescindir das particulares. Além desse ha um outro aspecto de sua utilidade: sua não existencia não seria do interesse da criação nacional, pois a emulação produz o melhoramento dos reproductores empregados.

Para impedir que sejam utilizados garanhões incapazes ou impropios para as egoas das zonas de criação, existem regulamentos segundo os quaes os garanhões particulares destinados á reprodução tem que ser préviamente examinados quanto á sua aptidão. Esses regulamentos que de-

terminam as condições a preencher pelos reproductores particulares, sua zona de acção, a taxa de cobertura, a constituição das commissões de exame etc., ou foram estabelecidos por via legislativa, para todo um paiz (Lei da criação cavallar para o grão-ducado de Oldenburgo), ou sob a forma de ordenanças policiaes. Tales são na Alemanha os «regulamentos de selecção cavallar» (*körordnung*). Datam de muito tempo.

Em meados do seculo 17º o rei da Dinamarca Frederico III prohibiu para o Holstein a cobertura por garanhões que não tivessem certa idade e determinada altura. Em 1782 foi detalhadamente estabelecido no Holstein o processo de selecção dos reproductores, descriminando as condições a preencher. Na Frisia Oriental o primeiro regulamento de selecção cavallar, com esse nome, data de 1753, no Oldenburgo de 1819.

Na Prussia o raio de acção desses regulamentos é variavel, podendo abranger toda uma província ou só um município. Cada commissão de exame dos garanhões compõe-se de 3 a 5 peritos, entre os quaes figura em geral o director da coudelaria estadoal da zona.

Annexo á commissão funciona um veterinario e, ás vezes, o presidente da comissão de remonta.

Variaveis como a origem e o alcance geographic desse regulamento tambem são suas exigencias.

Em geral cada garanhão tem que submeter-se todos os annos á selecção; ás vezes basta o primeiro exame. Em regra, o exame só é valido para o distrito, até mesmo só para o município; noutras províncias a approvação num dos distritos de selecção vale para todos os outros.

O exame dos garanhões versa essencialmente sobre sua descendencia e constituição physica, bem como sobre sua conveniencia para as egoas do distrito. Em geral, o limite minimo da edade é de 3 annos. Na Prussia não se faz classificação dos garanhões admittidos, quanto á sua aptidão, ao passo que na França se distinguem 3 classes: *étaulons approuvés* (considerados equivalentes aos reproductores do Estado), *étaulons autorisés* (que podem ser utilizados sem peiorar a raça), *étaulons acceptés* (muito inferiores, só destinados aos typos de lavrador).

Essas classes figuram respectivamente com 1400, 250 e 6000 individuos.

Em algumas partes tambem há regulamentos quanto á constituição das *egoas destinadas á criação*. Por exemplo, a Prussia Oriental para impedir o emprego de egoas inferiores estabeleceu que estas sejam lançadas num registro especial de coberturas, e que sua cobertura custe uma taxa mais elevada.

Em geral, as certidões de cobertura e de filiação distinguem-se pelas côres. Assim no distrito da coudelaria de Celle, na província de Hannover, as certidões para potrilhos nascidos de puro-sangue com egoa registrada (Stutbuch) são azuis, de puro-sangue com egoa não registrada são brancos, de garanhão particular são verdes, etc.

“Só se pôde contar com uma boa criação o garanhão fôr pelo menos tão nobre quanto a egoa.”

E' comprehensivel que a obrigatoriedade da selecção dos garanhões tenha adversarios que a designem de intervenção perturbadora do Estado no desenvolvimento economico nacional.

Teim-se procurado fugir a ella fundando cooperativas que mantenham garanhões exclusivamente para a criação dos associados.

Como quer que seja, é fóra de duvida que uma nação que pretenda desenvolver sua criação, mantendo-lhe a nobresa, não pôde prescindir desses regulamentos.

* *

Os *favores* concedidos para a aquisição de reproductores pôdem ser em dinheiro ou directamente em animaes. Uma fórmula de favor em dinheiro consiste no emprestimo sem juros, concedido ás associações de criação. O favor em animaes consiste em ceder aos criadores de remonta, pelo preço do custo, qualquer egoa apropriada dos depositos de remonta; em compensação, esses criadores são fiscalisados pela coudelaria da região e obrigam-se a apresentar seus productos á comissão de remonta.

Na Baviera leva-se esse favor mais longe, cedendo taes egoas abaixo do custo. Além disso existem ali, como em geral no Sul da Allemanha, os estabelecimentos para o trato de potros onde, mediante monto ao terceiro completo, os animaes que promettam tornar-se prestaveis.

Na França é permittido aos criadores escolherem, mediante pagamento, egoas do

effectivo dos corpos de tropa. Na Austria cedem-se reproductores nacionaes a municipalidades, etc., animaes que depois de certo tempo passam a ser de sua propriedade.

* *

Um vasto campo para o Estado exercer influencia sobre a criação cavallar nacional, especialmente sobre a remonta, é constituído pelas exposições, feiras, raids, concursos de equitação, de tracção, e corridas. A idéa basica de tales certimens é educar e estimular os criadores pela exhibição de animaes modelares e pela concessão de premios aos excellentes productos de criação. D'ahi decorre a conservação, o aperfeiçoamento e o augmento da populaçao cavallar nacional.

Na França existem ainda outras fórmulas de animação do Estado á criação cavallar.

Uma dellas consiste em premiar annualmente um certo numero de cavallos e egoas adquiridas na remonta; se o animal premiado não fôr criação do proprio vendedor este é obrigado a dar uma parte do premio ao criador. Outra fórmula consiste em deixar annualmente um certo numero das egoas de remonta em poder dos proprietarios, por dois annos, com a obrigação apenas de fazerem cobril-as com reproductores estaduaes. Finalmente na França os depositos de remonta tambem influem na criação cavallar, como veremos adiante.

EXPEDIENTE

De ora em diante as assignaturas começarão em qualquer época, mas terminarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.

*

Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

*

Com o presente numero não nos foi possivel distribuir a 21^a Carta de Griepenkerl, mas em compensação offereceremos aos nossos leitores, numa bem feita brochura, a importante conferencia realisada no Club Militar pelo Sr. Capitão de Corveta Raul Tavares, sob o suggestivo titulo : *Moltke e a missão politica da Prussia*.